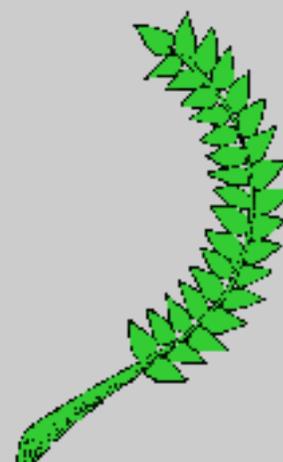
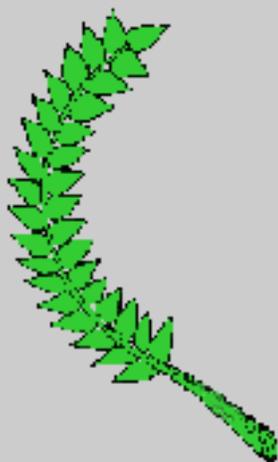

Arte Literária

Cruzamento
na grande
área



(Solilóquios, Monólogos, Diálogos)

José Luis Ferreira

Uma edição eletrônica não-comercial da

CASA DA CULTURA

Cruzamento na grande área

de José Luis Ferreira

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



André Carlos Salzano Masini

Copyright © José Luis Ferreira

Os direitos de todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados a seu autor, e estão registrados e protegidos pelas leis do direito autoral. Esta é uma edição eletrônica (e-book) não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. **Este exemplar de livro eletrônico pode ser duplicado em sua íntegra e sem alterações, distribuído e compartilhado para usos não comerciais, entre pessoas ou instituições sem fins lucrativos.** Nenhuma parte isolada deste livro, que não seja a presente edição em sua íntegra, pode ser isoladamente copiada, reproduzida, ou armazenada em qualquer meio, ou utilizada para qualquer fim. Este livro eletrônico não pode ser impresso. Os direitos da presente edição permitem exclusivamente a leitura através de algum programa de leitura de arquivos PDF. Quaisquer dúvidas podem ser esclarecidas através do e-mail contatos@casadacultura.org

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



JOSÉ-LUIS FERREIRA

**CRUZAMENTO
NA
GRANDE
ÁREA**

SOLILÓQUIOS | MONÓLOGOS | DIÁLOGOS

ÍNDICE sequencial de títulos

(Páginas podem ser localizadas através do programa de leitura de PDF)

	Gênero
Ensaio introdutório	
SILILÓQUIOS	
complexo da cegonha	S
interrogativa directa	S
sultã de túnis	S
visita à morte relatório íntimo	S
diários de bordo 4950 a 4953	S
casta denunciada	S
processo contra os deuses	S
passáraga	S
delírio	S
«res non verba»	S
regresso ao futuro	S
os sapatos	S
acento tónico	S
controvérsia	S
do amor que vive	S
conclusão	S
MONÓLOGOS	
o trigo e o joio	M
mensagem a um apartamento	M
carta falada, a garcês	M
liturgia em tempos-livres	M
declaração de falência ao amor	M
que saibas	M
despedimento	M
dizer-te amor ainda	M
promessa de mão	M
vão amar-se para longe	M
opção: divórcio, já	M
DIÁLOGOS	
diálogo sobre o mutismo	D
parábola dos vasos comunicantes	D
os lobos da floresta	D
conjura modelo único	D
espelho	D
de "os príncipes"	D
termópilas	D
«são livros, senhora» o milagre dos alforges	D

**ENSAIO
INTRODUTÓRIO**

ENSAIO INTRODUTÓRIO

da tradicional cultura nacionalista, de caserna e seminário, à cultura consumista luso-estrangeira e de massas

1

... que se acorde ou não dessa maneira é o mesmo. A cidade, só por acaso, acorda fora de horas. Ao longo dos anos, em que não lhe aconteceu fosse o que fosse, de inusual ou verdadeiramente magnífico e indescritível. Para além do nascer e do pôr do sol, fenómenos que passam despercebidos à maioria dos cidadãos-de-casta, porque dormem. E aos outros porque estão doentes, ou estão a trabalhar e, por isso, só alguns jovens enamorados, raros gerontes e inúmeros desempregados poderiam reparar em tal coisa, como nas noites estreladas e no luar de Agosto, quando todos quantos podem migram, do lixo da poluição urbana, para o luxo de poluir as praias.

2

Saber-se que isso acontece vai diminuindo, gradualmente, de importância, logo que a gente comece a entender que o sol é uma estrela muito abaixo da terceira grandeza¹(no ranking astronómico).

Saber-se que este país, Portugal, nunca teve que ser o maior do mundo, tornaria ímpares portanto, os portugueses, porque a megalomania dos homens nunca foi um exclusivo de crianças, nem se extingue com a velhice. Portugal tem o tamanho que tem, a gente que tem, a riqueza que tem, a pobreza que tem.

Porque motivo há-de ter, então, as Selecções Nacionais que não tem? Não basta que reunisse algumas condições para jogar o Mundial da FIFA em casa?

Por enquanto, existimos como seres comprometidos pela consciência das coisas, fundamentados essencialmente nos dados sensoriais de relação primária, apoiados pela intuição e pelos equipamentos, meios, recursos técnicos, tecnológicos e científicos alcançados ao ritmo da passada larga do progresso.

As acessibilidades do conhecimento estão porém condicionadas pela vontade subjectiva individual e pelo posicionamento objectivo das comunidades culturais, colectivamente subvencionadas de acordo com as prioridades das políticas gestionárias, sujeitas a preconceitos e pressões variáveis dos mais

¹ somos todos *filhos do Sol*, uma estrela desde há muito classificada como *anã amarela do tipo G2* (numa escala de 0-9)

destacados agentes económicos... agremiados em lobbies e dependentes do corporativismo financeiro internacional.

A Portugalidade teórica regista, também por isso, ainda em termos estatísticos, uma elogiosa taxa de analfabetismo², no quadro dos últimos cinquenta anos.

E a sua língua-pátria³ não foi recuperada, mesmo após a fortuna cultural herdada pelas gerações de portugueses, beneficiárias, em cadeia: dos cursos de alfabetização de adultos manipulados pelo salazarismo nem, décadas mais tarde, através do processo soldadesco pseudo-materialista-dialético abortado⁴, da Dinamização Cultural do MFA, nem como consequência da redução demográfica da lusitanidade e da capitação da lusofonia⁵- e ilusoriamente deflacionada - decorrentes da cessão colonial... inevitavelmente precipitada⁶ pelas sequelas da guerrilha étnico-nacionalista e pseudo-independentista, aproveitadas pelo neocolonialismo ideológico⁷.

3

Como querem então vocês que haja diálogo generalizado entre os portugueses e os outros homens, entre eles próprios ...e vice-versa? O único diálogo possível traduz-se pela batalha diária entre cada um e as coisas dos outros. Até a fala se converteu - retórica moderna sempre em mutação - num complexo de fios, válvulas, relés, condensadores, transístores e fitas magnéticas, em poucas décadas já arqueológicos. Tudo programado, em máquinas perigosamente fascinantes notoriamente silenciosas e quase já com vontade de falar por iniciativa própria, passe o pleonasma ...ou a redundância! Máquinas provisórias, de sucessivos último-modelos de aperfeiçoamentos constantes e designs impressionantes, sempre quase perfeitos (fabricados por conceituadas indústrias precárias), excelentemente publicitados e aparentemente exclusivos (ou adaptáveis) às necessidades individuais e particulares de todas as pessoas

² v. comparativamente a extrapolação dos dados investigados por **Ricardo Paseyro**, in «Elogio do Analfabetismo|ensaio sobre a incultura letrada»

³ v. **Fernando Pessoa**: «a minha pátria é a Língua Portuguesa»

⁴ **ação deturpada** pela propaganda inconsequente, adquirida do *maoismo* e do *marxismo-leninismo*, enxertados no *catolicismo retrógrado secular do coração do povo português*, monitorada por *semi-analfabetos telecomandados*, por néscios e líderes profitistas e pela agressividade da *pornografia ideológica* integrada no analfabetismo numérico, de finais de 74 a meados de 76...

⁵ que, por exemplo, soma teoricamente o número de habitantes dos territórios imperial-colonialistas do passado *mas omite, ou exclui (subjectivamente) 151000000 de brasileiros e o universo (desconhecido) dos incontáveis imigrados portugueses* (de várias gerações estatisticamente imponderáveis ou esquecidas) *no mundo e inclui*, paradoxalmente, *populações africanas maioritariamente iletradas, creoulas e infra-bilingues* (tendencialmente mais *francófonas e anglófonas* do que *lusófonas* ...)

⁶ pelas pressões hegemónicas indefensáveis dos grandes blocos *sino-soviético e euro-americano* sob controlo do *corporativismo financeiro internacional*

⁷ do protectorado *castrista-cubano* e do modelo instável de *solidão acompanhada* que une o marginalismo independentista do *Grupo dos Desalinados*

em geral! E nem assim se percebem as diferenças que existem nas carreiras e profissões, entre trabalho, emprego, ocupação e tempos-livres, desocupação e desemprego, produção e consumo, silêncio e ruído⁸.

A escrita tornou-se graficamente facilitada e criativamente incómoda. Ter-se nascido de caneta na mão, em tempo pós-dactilográfico-mecânico, é um anacronismo.

O dictafone denunciava isso desde a novidade do seu aparecimento. A imaginação humana mais fantástica constrange-se ao sofrer o ultraje das ultrapassagens (a que é constantemente submetida) por uma realidade incontrollável, impetuosa e acelerada, na mais evidente imprevisibilidade.

Que querem vocês que eu pense da minha coerência literária? E que pensam que penso do que vocês podem pensar a esse, ou a outro respeito, qualquer?

Considero tanto a nossa legitimidade imaginária e o exercício livre da fantasia, como a impudência da confusão mental que os compromete e implica a sua exclusão, nas acções pragmáticas mais profundamente irracionais do quotidiano.

Algumas pressões da memória submetem os cérebros a nefastos confrontos dispensáveis, com o passado⁹. Influenciam o regime das tensões do presente dinâmico. Anulam progressivamente as esperanças, dia-a-dia. Convertem o Tempo¹⁰ a religiões intimistas, ou a ritos e estilos incoesos, à prática da bruxaria, a ineficientes magias provisórias e à perda gradual da sede de viver.

4

É invariável a variância das constantes em que a vida oscila, ou circumvolui. Estamos num período (época ou era) de esperar pouco (e a contragosto) que as coisas vão acontecendo. Por isso nos apressamos em fabricá-las, destruí-las e esquecer-las. Paga-se um preço tão elevado aos investigadores nacionais de processos de aceleração que (só por se terem tornado categoricamente menos apressados) acabam por encontrar um meio vitalício de subsistência económica, e desenvolver os seus projectos sem pressa alguma, em todo o rigor. Devido, por certo a tal motivo, em poucos lugares se encontra, actualmente, um espaço de meditação, um momento de reflexão. A intoxicação mediática e outros ruídos sobrepostos à informação circulante, através da inflação no uso descontrolado de meios disponíveis de comunicação individual e colectiva, acabaram por desproteger a cultura clássica (científica e humanística), ocasionando um ávido acréscimo de investimento humano e financeiro na espectacularidade.

⁸ tentar perceber o que provocou «*O Horror Económico*» à Viviane Forrester

⁹ a leitura da obra de Eric Hobsbawm é em meu entender, *desaconselhável*, a maiores de 60 anos e a *iletrados*, em geral

¹⁰ v. «*A Seta do Tempo*» P.Coveney e R.Highfield e «*Breve História do Tempo*» de S.W.Hawking

O **Futebol** tem hoje por isso, nas sociedades humanas (com especial visibilidade entre nós, portugueses) uma expressão de proporções impensáveis (no nosso caso, alguns anos ainda após o PREC¹¹). O seu incremento – podendo não se circunscrever ao espaço paralógico genuíno do Desporto-profissional¹² – representa, no entanto um significativo papel mobilizador das multidões mais heterogéneas de espectadores/consumidores, quer nos **estádios**, quer perante o petit-écran dos televisores, o bastante para outorgar-lhe a condição de agente qualificado (entre nós privilegiado) da cultura de massas¹³ em expansão.

Esta irónica verdade traz-me uma efeméride reminescente da participação gráfica de um dos maiores artistas plásticos portugueses¹⁴ (recentemente desaparecido) que, meio a ocultas do pudor da crítica ortodoxa do início dos anos sessenta, criou e vi executar o artwork de um selo para os CTT, gloriando o «et pluribus unum» do Sport Lisboa e Benfica!

- ... então e depois? – justificou-se ele – o que é que tem a ver o cú com as cuecas? Não estou arrependido de aceitar a encomenda e tu hás-de ver a **importância da bola no futuro!** De resto, tu até tens amigos do Sporting e no Porto e nós já vimos juntos um jogo com a Académica...

Eu nunca fora, de facto, nem fã, nem fanático do **futebol**, embora já tivesse escrito, até, algumas crónicas sobre o então *desporto-rei* (que, em absoluto, não enjeito, nem repudio).

Tratava-se, já nesse tempo (mesmo sem TV), de uma entidade com dimensão motivacional e contornos alienantes controláveis (apenas pela PSP e pela GNR), cujo contágio desportivo, atenuava a detecção de infiltrados da PIDE, polícia responsável pela segurança do regime.

Não obstante ser, então, apolítico, o **Futebol** adquiriu tão grande importância que a própria resistência passiva (ou maioria silenciosa) o associou a uma fórmula irónica paralela ao slogan patrioteiro (espécie de trindade-chavão da ideologia política do vidente de santa comba¹⁵) – «deus/pátria/família»: **futebol/fátima/fado!**

Consolidado no facto económico de «beber um copo de tinto corresponder a alimentar um milhão de portugueses», no facto político internacional de as nossas «províncias ultramarinas» não serem como as colónias das outras nações eurasiáticas e nos factos socioculturais de não existirem em Portugal nem mais

¹¹ período pro-democrático experimental que antecede a promulgação da **Constituição da República Portuguesa de 1976** e a formação do 1º Governo Constitucional, com a «vontade de vencer» popular

¹² expressão paradigmática da *evolução socioprofissional induzida* pela cultura de massas na *desordem do pensamento crítico*

¹³ «Os poderes da Imagem» de René Huyghe e, depois de Gurvitch, Durkheim, e Max Weber, K.Davis&W.E.Moore, v. a «Sociologia» (edição actualizada a 1998), de Edgar Morin

¹⁴ o meu Amigo Artur Bual (1926-1999) Prémio Nacional de Pintura “Amadeo Sousa-Cardozo”, destacado por André Malraux, no Salon des Jeunes da II Bienal Internacional de Paris’59

¹⁵ como o magnífico **Baptista-Bastos** cognominou o prof. Salazar

prostitutas do que em Nova Iorque, nem mais analfabetos do que no Amazonas, o Partido Único perdoou sempre ao **Futebol** ter sido inspirador da Oposição.

5

"Era-uma-vez" já não constitui maneira persuasória de iniciar uma narrativa legível. Que as pessoas, além da era de cristo e do calendário gregoriano, da Bíblia e d'«Os Lusíadas», dos cronómetros, de algumas datas especiais e da juventude perdida, temem violentamente a regressão ao passado, com base no princípio moderno de que «ninguém se desfaz de um carro novo para comprar um velho, por vontade própria»...

Com uma violência primitiva, implacável, religiosa, os homens continuam a cumprir os seus deveres de horário: permanecem desagradáveis horas-a-fio sentados em lugares incómodos. Assim, justificam o direito a algum respeito social mediano, à protecção legal de instituições teoricamente criadas para isso mesmo, à hipótese de promoção individual, ao salário igual a trabalho igual e às restantes recompensas da comunidade portuguesa.

Entretanto, algumas formas de imaginação minam os cérebros e narcotizam os entendimentos individuais e dificultam a opção por um qualquer dos três meios de autodefesa societária: o suicídio, a luta e a apatia¹⁶.

6

Uma das mais graves consequências da generalização deste estado mórbido global, consiste no recurso à actualização do carácter¹⁷.

Exigência amarga, é imposta (quase legislativamente) entre as comunidades de primatas humanóides, contemporaneamente organizadas em cidade.

Veja! Escute! Pare! Não pare! Siga em frente! A vida urbana é impensável sem a lei do semáforo¹⁸ que apresenta a vantagem de minimalizar o decálogo (reduzir a três os 10 mandamentos das tábuas de Moisés¹⁹).

Por exemplo: o conceito público de pessoa conhecida evoluciona (evolui e involui): mas a condição humana²⁰ permanece limitada por demarcações tradicionais (conquanto definida por medidas subjectivas) independentes, na prática, dos padrões consuetudinários-tipo.

Nenhuma imposição afecta seriamente o cerne convencional das populações. Mas qualquer uma lhes altera a forma, acelerando a sua destruição, à força de

¹⁶ segundo o *texto original inicial*, datado de 1970

¹⁷ neologismo de um amigo Augusto Victor de **Sepúlveda Correia** *co-fundador da Sedes*, cooptado pelo autor

¹⁸ ©**título** de uma monografia inédita, do autor, sobre o pintor **Gustavo Fernandes**

¹⁹ placas gravadas (a laser?) no monte Sinai, segundo o *Pentateuco* – primeiros cinco livros da *Bíblia Sagrada hebraica*

²⁰ tratada no livro de **André Malraux** com esse título

modificá-las: integração em habitats impróprios ao nascimento, ao crescimento, à reprodução e à morte clássica (a única ante a qual as populações se habituaram desde sempre a condescender).

7

A dado momento - e após ter conseguido atingir um estado de esforço no sentido do pensamento, - o «homo-insipiens»²¹ verifica, conclui, constata.

Verifica que concluiu que a constatação é, afinal, o meio mais cómodo, utilizável no sentido de admitir-se a incoerência (e a inadaptabilidade consequente do homem aos) dos princípios, normas e leis engendrados por outros homens, seus iguais inatos.

A contestação é a forma mais decorrente e antiga de protesto, repúdio e choro (em função desses princípios, normas e leis).

De lógica de tal atitude, deriva a mais expansiva e irreduzível anarquia²²: propõe intransigentemente e preconiza as revoluções urgentes, luta contra o erro instalado e resistente.

Ergo: a estratificação social dos homens, a coexistência pacífica, a sedentarização urbana, a nacionalização, as alianças de países contra países, significam um carnaval de soluções de emergência (mais ou menos provisórias), solidariedades transitórias (chamadas alianças), entre homens que preferem matar-se uns aos outros (em doses maciças) do que suicidar-se, ou fuzilar (individualmente) os seus inimigos religiosos, de raça, nome, ou cor, os discordantes, os inaderentes, os indivíduos inadequáveis²³.

É que toda a união entre homens pressupõe força contra outros homens e são, por isso, associiais, os que não pensam assim: que sou eu e são vocês(?), porque a Terra é um planeta virgem que vive a iminência milenar de converter-se em cemitério, desde a chegada dos homens, à civilização (antes de os adeptos e as **cliques dos clubes** sofrerem de holligania²⁴).

8

Entretanto, confinados às imposições admitidas pelo seu acomodamento imponderável e natural, os homens promovem a felicidade extrauterina com

²¹ descendente do "homo sapiens" não previsto no *evolucionismo* de **Charles Darwin** cuja proliferação se generaliza após 1945

²² tentar encontrar «*La Philosophie de l'Inconséquence*» de **Cöhn Bendit**, no *Le Monde Diplomatique* (1978)

²³ os dois termos componentes da palavra definem um conceito pleonástico assumido: tentar encontrar, nos alfarrabistas, livros da col. *beat generation* | AGA Editora, fundada por **A.Bual**, **Carmo Vaz** e o autor, no início dos anos 60.

²⁴ *prática sociopatológica*, importada em baixa escala, de hordas alucinadas frequentadoras de campeonatos de **futebol**-ao-vivo, oriundas do macro-grupo psicossocial dos *normopatas** (*neologismo cooptado, da psicanalista portuguesa **Luisa Branco Vicente**)

base em constantes fugas à realidade. Cultivam aí o sabor excelso do pecado, em que dizem não acreditar ou, repudiam vivamente. A própria atracção sexual é, hoje entre nós, ainda, condenável e clandestina, quando alguns povos atrasados²⁵ (que os europeus renascentistas converteram e colonizaram) consideravam civilizadamente, as práticas sexuais do amor, uma arte²⁶ e, uma excelsa virtude cósmica, o desfecho orgástico conjunto dos intervenientes, escandalosamente perfumados e nus, por vezes assistidos perversamente por terceiros, na sua luxuriosa intimidade privada.

Até a simples sensatez corrente rejeita, desde antes da revolução francesa, a eventualidade do pecado original, adaptada, ou traduzida à letra.

Transige com a classificação vaticana²⁷ dos pecados capitais. Pactua com os veniais: serenamente, soletra versículos bíblicos²⁸ (com a ausência de respeito com que lê o jornal, mas muito menos salutarmente!). É como se, se tratasse de números do relatório anual dum conselho de administração de banco, susceptível de especulações da bolsa, ou de execuções de garantias sobre o espírito humano com promessa de compra e venda ao Diabo, por um ²⁹Fausto qualquer, descontente com o destino da lei divina...

9

Deus, o desconhecido (vingativo e cruel, que aflige a ignorância fóssil dos povos débeis) deu, ao homem conhecido, o homem desconhecido (à sua imagem e semelhança).

Alugou-lhe um cérebro em troca dos trezentos-sessenta-e-cinco dias e $\frac{1}{4}$ de cada ano de vida. Como resposta a gesto tão magnânimo, hipotecou o homem os únicos bens, móveis e imóveis, assim tomados de aluguer, neste planeta com **estádios**, onde sofre o castigo perpetrado e incompletamente consumado, por vigilância negligente, no paraíso primevo.

Ficou, então, o homem, com a consciência mais leve (desresponsabilizada por contrato verbal), após a expulsão autocrática dos fecundos progenitores Adão e Eva.

E - todo inteiro - vendeu-se ao desconhecido. Entregou-se à sua própria maldade e injustiça, à crueldade, ao rito da sua orgulhosa irresponsabilidade.

²⁵ procurar entender, com a ajuda de Historiadores, como **Felipe Fernández-Armesto** «*O Milénio*» e **Francisco de Azevedo Gomes** «*Falsificações da História*», ou **Marc Ferro** «*Comment on raconte l'Histoire aux enfants*»

²⁶ recomenda-se a leitura e a observação das ilustrações originais reproduzidas do «*Kama Sutra*» e «*A nova Desordem Amorosa*», de **Pascal Bruckner** e **Alain Finkielkraut**

²⁷ *descontratualizada(!)* por inerência à *Constituição Civil do Clero*, vigente em França (1790 a 1801) e extinta pela Concordata Napoleónica (sem a qual o *ex-revolucionário corso* nunca teria sido coroado e reconhecido Imperador, pelo Vaticano!)

²⁸ignorando, a título de exemplo, os amores de *Salomão e da Rainha de Sabá*, ou denegrindo a imagem de *Maria de Magdala*, vítima apaixonada da *assexualidade andrógina do Cristo* (?)

²⁹ v. «*Fausto*» de **J.W.Goethe**, iniciado em 1808 e concluído vinte e três anos mais tarde...

Há-de continuar a fazer isso, mesmo se for ateu, no âmago do encéfalo, se-deus-quiser.

O homem seria, portanto (em democracia celestial), escravo de um deus que o fez à sua imagem e semelhança (logo igual-a-si-mesmo). Divertirá, o senhor tanto mais, quanto se confunda e baralhe, sofra e avacalhe³⁰, se estão certas as escrituras. E (maugrado Giordano Bruno, Galileu e Newton) o sol e a lua continuam girando desigualmente à volta da terra. E foi assim que, pelos astros descobertos, pela visão artificial do homem, esse deus conheceu esteticamente a luz e, eticamente, a vida que se esqueceu ter sido invenção sua por alvará de patente universal!

10

Que vivam, pois, na obediência das leis divinas, do poder abençoado e do mais forte, a primeira equipa de qualquer desporto cultural (amador ou profissional), o vinho da melhor colheita da principal associação recreativa, os presidentes mais votados da junta e da câmara e o novo chafariz. A romaria de santa eufemia, com sua ermidinha-alcôva, o mais bruto subchefe da esquadra da guarda e o mais aplaudido regente de coro e banda. E as escrituras³¹. Os outros, em boaverdade, não são precisos. Não valem, não prestam para nada!

Que vivam, sobretudo, as criancinhas (para decorarem rapidamente o catecismo). Para que possam recitá-lo, consoladoramente idosas, à hora da morte e *amen*, para assegurar-se a certeza de que engrenam no comboio expresso da vida-eterna, na agradável companhia de gordos correctores de bulas: coadjutores episcopais, beatas e outros clientes habituais dos milagres teologais de cada cabido diocesano.

Pobres ex-criancinhas! O catecismo³², ao menos é, com o alcorão, as escrituras, um elixir, susceptível, pelo menos, de inspirar um livro de instruções ou, mesmo, um tratado-base de arbitragem (com referência indexada aos manuais viciados de boa conduta moral e civil, compêndios de etiqueta e resumos de boas-maneyras... em voga).

11

³⁰ *neologismo* da poetisa (*São Mortas as Flores*), actriz e encenadora **Maria do Céu Guerra**, abusivamente cooptado pelo autor

³¹ recomendam-se, não as escritas comerciais contabilísticas, de guarda-livros, mas as *Escrituras bíblicas* (*Antigo e Novo Testamento*) em versões, não omissivas ou adulteradas como a *Vulgata* de **S.** (por isso) **Jerónimo** (382), reprovada em Trento e justificada politicamente e esclarecida teologicamente, com reserva científica assumida por **Pio XII** em 1943

³² na *versão-réplica* tardia (1555-1566) de **S. Pedro Canísio**, redigida a 3 níveis (geral/médio/pequeno), *contra os resumos dos heréticos protestantes excomungados Lutero e Calvino*, que se anteciparam a Roma com um avanço de quase 30 anos, sobre a propaganda promocional-defensiva da Igreja de Roma

... o calão, por exemplo, é imoralíssimo. Um tipo chateado, em vez de merda, deve dizer "caquinha-ai-valha-me-nosso-senhor", benzendo-se a preceito, na sequência imediata do arrependimento de tão diabólico pecado.

Compreenderam? É preciso ensinar isto, urgentemente, às criancinhas. E comunicar-lhes que o pai e a mãe sofreram imenso na ocasião em que as geraram. Que isso é um acto de extrema responsabilidade: os cãezinhos é que não sabem! Por isso, os crescidos afogam-lhes os filhos, que não passam de cachorrinhos, razão de não possuírem alma. Além de mijarem a casa toda, comem muito, fazem barulho e dão, às criancinhas, o péssimo exemplo de brincarem (até á mordedura) sem se magoarem, nem quererem mal por isso. É preciso, em nome da saúde pública, mentir descaradamente às criancinhas, para que os adultos acreditem que elas estão convencidas de que só os prazeres da mesa enchem barrigas. Para que possam intercambiar as respectivas doenças venéreas, à medida que forem crescendo.

Terão que roubar dinheiro para tentar a rapacidade proxenética das parteiras diplomadas, expulsas pelo sindicato e ex-hóspedes crónicas da esquadra municipal.

Que cansaço, a cultura³³!

12

Um homem começa (e acaba) por mamar, ou chupar biberões e engolir papas. Quando já consegue mastigar razoavelmente os alimentos, e aprende a levar a comida à cavidade bucal, metem-lhe na cabeça³⁴: *cinco vogais ...e dez algarismos* para contar os dedos das mãos.

Mal se apercebe de tal ocorrência, pára, numa operação redutora, para reorganizar as suas interrogações, iniciando-se, de seguida o processo da imitação social aculturada (das trocas-directas). É o momento exacto para os educadores lhes emprestem *as primeiras consoantes*.

Ensinam-se-lhes, seguidamente, *as quatro operações*, que são três. E *as cinco partes do mundo*, que são quatro (*o fogo é o perigo omissos*): *terra, mar e ar*.

Essa deve ser a paisagem natural verídica que estimulará sob vigilância permanente *cinco*, também, dos *seis sentidos* de relação primária do programa matriz (incluído na prèinstalação já fornecida com a alma e a memória inteligente), para ficar mais clara a iniciação à revelação do mundo como deve ser entendido e amado espiritualmente.

Aí, o homem começa a perceber que, com isso tudo pode escrever e começar um discurso ininterrupto, de sua lavra (antes de conseguir apreender o íntimo

³³ v. «*Padrões de Cultura*» da grande investigadora e antropóloga cultural **Ruth Benedict**

³⁴ entenda-se a «*Cartilha Maternal*» de **João de Deus**, como **manual pedagógico a reeditar urgentemente**, adaptado ao MsWord e ao Publisher, numa versão *actualizada* do Windows'2002, do magnata **Bill Gates**, via **Expo|Hamburgo**

sentido da leitura) e reinventar uma nova ciência, ou redescobrir um novo caminho (menos trágico-marítimo, porventura) para uma Índia qualquer. Mas a alma é livre e ele pode sempre recorrer ao seminário diocesano, ou ser internado num convento, onde a *castidade canónica* não sairá da intimidade monástica.

13

Viva, pois, o homem de hoje, português na sucessão dos mortos, herdeiro ilegítimo dos factos históricos sobrenaturais que os seus maiores e menores lhe legaram, através dos vetustos livros únicos da quarta classe (o 2º grau da instrução oficial da época remota em que nasci³⁵), a completar com a visão patriótica da pretérita mais-que-prefeita história de Matoso-o-Velho, hoje actualizada nas crónicas mundano-turísticas mordidas pela sapiente pronúncia audiovisual do ministro (omisso) e ex-embaixador José Hermano (prof. *sir* Aiva)³⁶, cuja cabeça e honorabilidade política ficam a perder de vista de historiadores e investigadores mais bem humorados, sérios e escrupulosos, que conheci³⁷.

Vivam depois os portugueses contribuintes em geral – portadores da memória genética mais pura e sexualmente inter-racial e beatífica – que a todo o planeta *em grandes perigos esforçados* levam epicamente, num **esférico**, de avião, o sagrado nome da Pátria!

14

O inventor da roda (um *flinstone*, provável descendente de Matusalém – que ainda hoje seria vivo se não tivesse sucumbido vítima de um acidente provocado por um tronco de árvore abatido por um raio que a partiu) não seria técnica e historicamente português, mas pode muito bem ser considerado (porque não?) nosso (vosso e meu) antepassado!

Porém – e por motivo da passagem do V Centenário da publicação d’«O Tratado da **Esfera**»³⁸ o livro que este ensaio popular augura só deveria vir à estampa no ano profuturo de 2002 – a **bola**, *derivado teórico da esfera* (ou vice-versa, consoante o critério científico que se adopte) constitui uma das afirmações culturais mais profusa e veementemente divulgadas, no âmbito

³⁵ nunca esquecerei - entre os mais de oitenta professores, mestres, assistentes, explicadores e monitores que tive, e me meteram e tiraram ideias da cabeça – o *incógnito mestre-escola* que, após dois anos de *gineceu*, no Jardim-Escola, me ensinou a *ser como e o que sou*, o prof. **Alberto de Sequeira**

³⁶ *servidor do Estado*, extraordinário *comunicador popular*, apreciador crítico e confesso da boavida e *showman*, *herói da RTP*

³⁷ como o Dr. **Flausino Torres**, autor ignorado de inúmeros trabalhos (maioria inédita) porque ter sido um *comunista convicto*

³⁸ obra científica extraordinária da autoria do mesmo **Pedro Nunes do Liceu**, citado no artº15 seguinte

sociológico da intoxicação mediática, em língua portuguesa, ou em estrangeiro, contemporâneos.

15

De facto – embora não existam (*ainda!*) relatos históricos coevos, referindo «a prática do foot-ball/*futebol*»³⁹, em Portugal, no séc. XVI – já Pedro Nunes, em 1502, se interessava pela esfericidade, pelo π do Arquimedes⁴⁰ e por uma data de coisas, como o *Nónio*⁴¹ e a *Esfera Armilar* que só podiam caber na cabeça de um português quinhentista com acentuada vocação de argonauta (possivelmente por descendermos de ⁴²Ulisses...?), obviamente dotado de muito menor expressão, do que o Eusébio Ferreira⁴³ em termos de notoriedade, pelo facto compreensível da ausência de imagem ao nível das audiências dos **media**. Todos contribuem – e os portugueses também, à sua escala e dimensão – para que a comunicação audiovisual simultânea, em *tempo-real*, inunde uma nova era planetária que, oficialmente remete a sua festa inaugural para o fim d’«o ano da passagem»©⁴⁴.

Os mass-media consolidam, universalmente, a eficácia pertinaz com que produzem os *pattent-foods* que geraram e alimentam a cultura de massas, considerada por alguns *especialistas reaccionários* como a *última praga do egipto* ou a *maior invasão do império do ocidente pela barbárie mais poderosa e bem armada*, no limiar da aliança final da inovação das tecnologias digitais da informação com a biocibernética e a transferência da Humanidade para «*uma nova forma de vida*» interactiva e pluridimensional, sob o primado da virtualidade em que afirma já a força da sua hegemonia, no poder que exerce sobre a *Aldeia Global*.

16

O título deste livro tanto quanto a concepção gráfica da capa e a primitiva base textual (implicados neste ensaio introdutório), surgiram e remetem para o *aziago ano de 1972*, em que o autor experimentou a hospitalidade cínica e brutal – nos calabouços e numa cela prisional singular e privativa – do estado-polícia decrépito e falido do *marcelismo*.

³⁹ em «português (*standard*)|(padrão)» conforme nomenclatura identificada nas ferramentas do meu computador

⁴⁰ **Arquimedes** de Siracusa (287-212 AC) deve-se-lhe o *cálculo de π* que o torna precursor da *bola redonda* (não confundir com a *bola oval* de «rugby»! espécie de jogo inglês, da cidade do mesmo nome, que está para o *futebol* como o *bridge* para o *king*)

⁴¹ uma *ferramenta matemática* com que se podiam fazer contas à mão, quase com tanta precisão como, *actualmente*, é possível com as calculadoras, *sem nunca ter ouvido falar em tabuada!*

⁴² por parte da *lenda da fundação de Lisboa*

⁴³ não o meu querido amigo (enquanto pai de uma filha coetânea do meu filho Paulo Miguel) mas, em absoluto, como símbolo estereótipo do melhor jogador do **Futebol** Português do séc. XX!

⁴⁴ Parte integrante do título de uma obra inédita do autor «**O ANO DA PASSAGEM PAR'ANÓIA**»©

O povo português viria a *começar de ser* tranquilamente *desamordado*⁴⁵, com o derrube dos ex-validos e previsíveis sucessores⁴⁶ do prof. Salazar⁴⁷, pela *operacionalidade corajosa e intempestiva*⁴⁸ do capitão Otelo Saraiva de Carvalho, durante a madrugada de 25 de Abril de 1974, que *foi assim...*

*...regressado a casa sem ter estranhado a presença de algumas viaturas militares inusitadas no seu percurso habitual, o autor – cheio de dores na bexiga e já estendido no leito conjugal de então (com vista para o RAL.1, às escuras) – escutava o RCP quando, subitamente, teve a sensação inesperada de ter morrido e acordar no Nirvana, ou de ter sido transferido para um mundo alienígena paralelo, onde os homens da rádio possuíam a faculdade da coragem (ausente nos *papa-gaios*⁴⁹ das estações portuguesas) de *desafiar a Censura política do regime.**

Decidiu, na vigília insone e exultante da madrugada, atrever-se a acordar a única pessoa⁵⁰ rigorosamente incorruptível e digna de confiança que, então, conhecia, para saber se não estaria a sonhar de facto. Acabou por acordá-lo e ser ele a dar-lhe a notícia. Em primeira mão. Para confirmá-la, o outro que ligasse o rádio. E ficou pendurado!

17

O capítulo seguinte à história próxima (após o golpe militar e o início da revolução democrática em Portugal) conta mais de um quarto de século sobre a data do registo de nascimento deste ensaio⁵¹. Situa-se ainda, num futuro cronológico mais distante, em relação aos escritos mais antigos deste livro, iniciados após 68.

Nesta sua versão actual são reconhecíveis alguns conceitos, noções, frases e expressões resistentes à diluição e fluidez pretendida com a difícil reconstrução do original-matriz do texto, agora invadido – para além da tentativa de modernização ortográfica⁵² – por neologismos recentes, novos conceitos,

⁴⁵ referência implícita ao título do livro «*Portugal Amordado*» do **Mário Soares** que o autor associou ao aparecimento premonitório do *presumível apócrifo* do General **Spínola** «*Portugal e o Futuro*»

⁴⁶ usufrutuários, desde 1968, da herança política de que o alm. Thomaz fora testamenteiro legal e coveiro inesperado

⁴⁷ definitivamente falecido e sepultado no cemitério da sua terra natal, quatro anos atrás, conforme certidão de óbito

⁴⁸ por surpreender o capitão **Vasco Lourenço**, *arquitecto desconhecido do projecto de golpe*, no seu *recolhimento forçado* numa ilha açoriana, desde a tentativa fracassada do capitão Salgueiro Maia

⁴⁹ exemplo: o comportamento inesquecível do sr. **Cândido Mota**, em relação a *sketches* do autor, num programa «Lisboa, Meia-Noite», do **Armando Marques Ferreira**, nos (segundo o *Sr. Apolinário*) «*Maçadores Associados de Lisboa*», estação da Alfabeta sarl...

⁵⁰ o dr. **Raúl Rêgo**, mestre *maçon*, intelectual e político, literato e jornalista de rara integridade

⁵¹ um *documento esclarecedor*: semi-manuscrito, rasurado, dactilografado e quase tão ilegível, como a caligrafia actual e a assinatura do mesmo autor, datado anteriormente e sobredatado, do *ano aziago de 1972...*

⁵² os *Acordos Ortográficos Luso-Brasileiros* sempre foram celebrados com pompa e circunstância académica, mas nunca foram muito escrupulosamente respeitados pela *soberania literária* dos países

noções, frases e expressões, associados a uma gíria adequada à introdução de novos textos, com datação posterior.

No essencial, procurou-se manter a estrutura e organização do livro, na sua partição, sem trair a sua autenticidade e tentando recuperar, nesta redacção, a forma, o conteúdo e o tónus, do primitivo trabalho inédito.

18

Ao longo da vida, raramente o meu trabalho literário teve que ver com a curiosidade e com a imaginação alheia. Mais raramente, ainda, as pessoas que me conheceram, a título de relações técnicas e profissionais, se terão apercebido (e vagamente o entenderiam) do meu vício particular dominante que não é, intimamente, o de ser um inveterado fumador, ou de ter sido, alguma vez, um incurável femeeiro.

Volto, portanto, a ser agora (de novo após a minha juventude) o meu eu, no singular, transferido, por uma pinça, ou uma grua(?), da primeira pessoa do plural que não desejaria – nesta fase do campeonato – continuar a ser.

Queria voltar a poder prosseguir o meu estágio na vida (interrompido durante essa longa adolescência que muitos consideram a vida adulta ...ou activa) – sem sofrer o piedoso estatuto de reformado, que a sociedade não deve a ninguém e os estados costumam pagar mal – até um desfalecimento (rápido e definitivo!), deste organismo fisiológico, do hardware desta máquina biocibernética autoreprodutora e clonável. Este corpo de carne e osso que tem suportado todos os sistemas e programas de software que a password da minha identidade paraconvencional contém, no seu código genético, íntimo e secreto. Sinto-me portanto, necessariamente, cada vez mais dependente de toda uma Humanidade cheia de guerras, bombas destruidoras escondidas e fronteiras artificiais (tão pouco redonda como eu e men0s redonda do que a Terra), **no centro da Esfera Armilar**, quase tão redonda (culturalmente, muito em breve) como o engenho e arte dos profissionais de um desporto que comanda já tantas vidas de olhos postos nesse **esférico** industrial que, etimologicamente se chama: **bola de futebol**.

19

«Onde se cala a voz dos homens, falam as pedras»⁵³, como se as línguas mortas, escritas nas pedras, ressuscitassem do silêncio e perpetuassem a significância e o som da voz contida nos sinais resistentes à erosão dos milénios.

irmãos e... e os *Congressos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* (em contagem decrescente) não ganham mais para a Lusofonia do que as traduções de **José Saramago-Prémio Nobel** para a *Editorial Caminho*, o *PCP* e o *Turismo político nacional*

⁵³ **Max Verwörn**, in «*Arqueologia*»

A Literatura é tão mutante como a maioria dos conceitos culturais integrados, embora possa estar a extinguir-se, na acepção académica em que persiste (já muito expandida), como disciplina autónoma, edificada por uma multissecular anterioridade histórica.

A prosa prosaica e a poesia em versos⁵⁴ são hoje princípios desarraigados do hábito de ler, estatisticamente diminuto, em relação aos vícios standard implantados, emergentes da submissão⁵⁵ fiel aos massmedia, portadores de mecanismos automáticos subliminares (grafismos e letterings singulares mas, principalmente, de imagens cativantes, símbolos, sinais, ritmos e movimentos) elementos com vida própria, mas particularmente exploráveis, utilizando-se os recursos actuais, do audiovisual caseiro, populista e erudito.

As revoluções industrial e tecnológica, natas e prosseguidas neste séc. XX⁵⁶, em declínio terminal, inflacionaram a produção e a divulgação editorial, mas opuseram-lhe a concorrência da seriação indiscriminável de múltiplos produtos intangíveis ou marginais, aleatórios e deslealmente competitivos: produtos de grande consumo, em economia de escala, os patent-foods com que a mediocracia droga, liminarmente, as sociedades e consolida a preferência automatizada por peças descartáveis personalizadas, das mais variadas indústrias de cultura de massas. A filosofia de mercado logrou, assim outorgar, à criação artística e literária, por exemplo, atributos mercadologicamente tangíveis⁵⁷, susceptíveis, de avaliação objectiva, criteriosa, coerente e, até, econometricamente, credível e fiável.

Os consumidores de produtos culturais passámos a ser todos nós. Sem excepção!

«E, portanto – há que dizer-lo com frontalidade! – as questões colocadas e as dúvidas suscitadas por este assunto, contêm uma excessiva complexidade, que – na generalidade e na especialidade – se encontram fora da conjuntura e, mesmo a título de excepção, nunca caberiam no âmbito da presente e das próximas legislaturas.»

[...]Está certo!

⁵⁴ v. **Molière** «*Le Bourgeois Gentilhomme*»

⁵⁵ tentar uma rememoração sintética sobre: os efeitos pavlovianos aplicados à **psicologia das multidões* (**Oscar Wilde** - «*A alma do homem sob o socialismo*») e a *comunicação social* (informação sistémica orientada e censura permanentes) da estratégia operacional de **J.Göebbels** chefe da *propaganda nazi* de **Hitler** (1929/45) e a *psicologia da decisão* de **J.M.Conty** (1959); da análise global da *International Student Edition* de **Krech, Crutchfield e Balachey** - «*Individual in Society*», associados ao *anarco-surrealismo psicanalítico* de **Sigmund Freud** e à *sociometria eleitoral* de **Jean-Pierre Cot e Jean-Pierre Mounier**, após a sua comunicação em parceria de 1974, «*Pour une Sociologie Politique*»

⁵⁶ consultar «*Le macroscopie*» de **Joël de Rosnay**, ler o «*Manifesto para um Fim de Século Obscuro*» de **Max Gallo** e v. de novo «*A Era dos Extremos*» de **E.Hobsbawm**, sem esquecer as recomendações do autor, a esse respeito

⁵⁷ rever e actualizar as teorias de **Keynes**, actualizar a *História do Pensamento Económico* de **Henri Denis** e evitar o reaparecimento político do prof. **Pereira de Moura** e do **Profeta de Boliqueime**

20

Sem abstrair-se do conteúdo textual (inserido no contexto literário que lhe é próprio), a **capa** e o **título, deste livro**, propõem a ideia-chave multivalente de um **Cruzamento** (comum à gíria **futebolística**), numa **Grande Área** – o espaço universal (segundo o conceito e a representação arcaicos de uma **esfera** armilar estilizada, que contraria, ou distorce a noção-geral de um **estádio relvado**) em cujo centro, um estereótipo visual d’**a Bola de Futebol substituí** e sugere, deliberada e inusitadamente (?) o globo terrestre (um esferóide eleito mundo no séc. XVI), quando não existia ainda o conceito de sport e, portanto, nenhum desporto poderia disputar a coroa e ser reconhecido rei, pelo Papa de Roma!

¿E poderão, um título equívoco (como «**Cruzamento na Grande Área**») e **uma imagem minimalista**, inesperada e ambígua (como a **ilustração gráfica** que o capeia), **induzir** uma motivação publicitária ambivalente e, assim, **suscitar**, simultaneamente, a curiosidade consumista de dois alvos distintos (no actual mercado editorial), como se o seu objectivo primordial fosse o de **promover** um escritor praticamente desconhecido e **vender a dinheiro** um novo bom livro ?

Ao entrar nesta guerra, eu quero que o livro se assuma como um todo. Que não se recorra a pretextos censórios pusilânimes. Nem se inventem argumentos de venda, tão inescrupulosos como desnecessários.

Independentemente do que signifique, exprima e valha, resistiu ao ineditismo trinta anos, existe e, como obra responsável, está auto-justificado em tudo. Não mendiga desculpas. Não pede perdão. Por nada.

21

O **Cruzamento na Grande Área** é um livro polimórfico em que o autor reúne textos inéditos temáticos, de ficção ou puramente sensitivos, espontâneos ou elaborados, sem preocupações ou pudores confessionais, sem moralismos hipócritas e obsoletos, nem propósitos ocultos de segundas intenções.

A heterogeneidade de conteúdo da obra é assim mesmo. A arrumação, ou grupagem, dos textos, essa perfila-se, segundo uma ordem não aleatória, através de um método-padrão progressivo, prè-estabelecido por níveis (segundo pressupostos clássicos, não necessariamente ortodoxos e sem qualquer pretensão pedagógica ou didáctica) de classificação tipológica ou caracterológica (num espectro – prefixo e restrito – de comunicação literária), **desde** a elementaridade hipotética, no **solilóquio**⁵⁸ e **através** da unilateralidade

⁵⁸ (do latim **soliloquium**) forma de **eloquência muda** integral, soturna, irónica, ou **aparte** (em teatro), **solipsista/pan-autista**, ou **pseudo-discurso** de quem fala consigo próprio (com as **paredes** ou os seus **botões**), aqui abusada como género de **strip-tease literário**, ou prosoema, como em **Parménides** (sécs.VI/IV ac) «**Da Natureza**»...e **Sócrates** (sécs.VI/IV ac) – **transmitido via Platão** (**Diálogos**) e **Xenofonte** (**Memórias de Sócrates**) – ambos seus discípulos e primeiros divulgadores

comunicacional do *monólogo*⁵⁹, até à indicação de alguns dos percursos possíveis (entre a inteligibilidade simplista e a complexidade perceptível), de formas não necessariamente convencionais, de *diálogo*⁶⁰.

Seria ociosa e despropositada uma abordagem mais profunda sobre este compromisso, que determina a partição (não capitular) do livro, mas considerase como mínimo obrigatório – no domínio expositivo deste ensaio – uma tentativa de definição do sentido nocional⁶¹ da terminologia classificativa que inspira as suas subtítulos.

Por certo que os «teóricos de ideias gerais e os técnicos de alguns venenos»⁶² (que sufragam o amor a um deus tecnicamente substituído pelo dinheiro⁶³ na civilização contemporânea) não se encontram sensibilizados para acudir a interrogações menores, desta natureza. Mas não são eles, também, destinatários exclusivos deste livro intemporal e omniversitário⁶⁴, em que não se pretende agredi-los, ainda que tal não dificultasse o seu aproveitamento, como sponsors, e continuasse a ser impossível a sua adopção, como ...Mecenas⁶⁵.

Sou, hoje, logicamente forçado a admitir que a **prática individual do Futebol** profissional se converteu numa **Arte Efêmera**, tributária de uma valorização possível da **Cultura de Massas**, em vias de afirmação gradual, ao serviço do comunicacionalismo.

Ninguém pode colocar em causa a sua importância, nem a sua influência estimulante da Cultura Física e da valorização ginástica muscular do corpo humano... tampouco subsistirão dúvidas quanto à sua eficácia, na mobilização dos interesses mais espirituosos do Comércio Internacional...

Como esteta – não como adepto clubista, técnico, ou especialista – surpreendi-me muitas vezes a apreciar belos momentos de performance de atletas, em lances de jogo emocionantes e de apreciável espectacularidade, apesar de não comparticipar do entusiasmo e embriaguez social que suporta as políticas dos

⁵⁹ (do grego mono+logos) forma triditiva de *discurso dramático, narrativo-descritivo (na 1ª pessoa)* de tendência espectacular assumida *autonomicamente* em **Gil Vicente** e **Juan del Encina** (p.ex.), como *lástima* ou *exortação*, em **Dante** e **Shakespeare** e *pedagógica magistral* em **Descartes** (p.ex.)... *comunicando unilateralmente* ou, melhor, *emitindo informação num só sentido*

⁶⁰ (do grego Dialogos) forma apologética primordial de *transmissão literal da Sabedoria*, através da *dinâmica da conversação entre duas pessoas* (extensiva a terceiros: *interlocutores*) e da *comunicação usual* em teatro, na novela e no romance tradicional | v. **obras**: de **Platão** (428-347 ac) os **Diálogos** (*Crítion, Fédon, Fedro* e, sobretudo, o *Banquete*) e do eloquentíssimo **Cícero** (106-43 ac)

⁶¹ expressão neológica concisa de **Lindley Cintra**, *vestigial* na construção semântica de **Jorge de Sena**, cooptada pelo autor

⁶² conceito paradigmático do académico **António Valdemar**, cooptado pelo autor

⁶³ «*Ontem, um anjo disse-me*» **diálogos** do meu amigo Físico e investigador científico, prof. **F. Carvalho Rodrigues**, com **Luís Ramos**

⁶⁴ que renega a *neo-burguesia pós-estudantil* e o pedantismo contumaz do *carreirismo universitário instalado*

⁶⁵ na *relação actual do dinheiro com as Artes e o Futebol*, como forma privilegiada de *oclução fiscal*

lobbies financeiros que se associam e exploram as práticas desportivas, subjugadas à evolução das modernas organizações gestionárias do corporativismo financeiro internacional.

Porventura mais do que monólogo, este pretense ensaio – auto-proposto como introdutório – é um solilóquio interrompido pelo livro, onde se celebra o Espírito Santo⁶⁶, sem pretender a possibilidade de eliminar o luciferismo que nutre a missão apocalíptica dos que confundem, num nevoeiro sebastiânico, míope e vesgo, a causalidade e os efeitos reflexos do **Futebol** como se ele, mais não pudesse ser, do que um fenómeno culturalmente insignificante, isolado, meramente periférico, apesar da mutação operacional da fossilidade clubística das arcaicas associações de adeptos, em sociedades desportivas de engenharia financeira, com estatuto, fiscal e económico-social, de privilégio.
Bom proveito.

Samborinho, Serra de Alcoba (Caramulo)
Novembro, 1972/ Abril, 1999

⁶⁶ como a saudosa **Natália Correia**, detraída na *suficiência azeda de uma crónica abjeccionista* do **Luís Pacheco** e pelo *hedonismo filosófico* do escritor **Mário Cesariny de Vasconcellos**, grande poeta surrealista e *desastrado* artista plástico.

SOLILÓQUIOS

complexo da cegonhaⁱ

Choradeiras infernais de fome e sede respondem no desconforto nojento de fezes e urina, às primeiras perguntas do meu corpo.

Tenho a sensação vaga e distante de que nem a minha cabeça nem os meus sentimentos conhecem desde então outras coisas que o corpo já não soubesse. Muito antes mesmo de ser aquela coisa tenra, franzina e viva, ignorante e pegajosa, vinda num açafate com fitinhas, pendente do bico de uma cegonha fugitiva do verão de Paris, antes da guerra.

Sinto-me tão estupidamente forte e consciente dentro de mim, desde criança, como se fosse um poeta, adulto de nascença, como se fosse alguém desconhecido dentro desse corpo sensitivo, a inchar e endurecer dia-a-dia, com o doloroso prazer insensível do crescimento. O início da minha imperceptível expansão biológica num espaço que não me pertence, segundo a ordem alógica da soberania do Tempo.

E eu era já então o idiota chapado que pensava saber falar a língua dos meus avós, quando me apercebo e reconheço depois que foram eles quem me ensinou as palavras triviais que aprendi a pronunciar para pedir coisas ...e cagar sentenças.

Ou não era? Interrogo-me - sempre me interroguei! - sobre coisas como estas que, de tão óbvias, só por serem faladas a sós comigo, na penumbra das sestas forçadas (a ouvir ladrar os cães e as pessoas discutindo o meu futuro, como se eu não existisse) antes de tombar na soneira profunda que, com o andar do tempo se tem transferido para as imediações horárias do meio dia, a hora do burro.

Por que diacho - como dizia o meu avô materno - eu era tão distante e adorava as rodelas incandescentes que saíam do sol (sem destaque da sua própria forma luminosa) enquanto me entretinha no vaivém de tábua do meu baloiço, a chiar suspenso de uma latada de ferro, por duas grossas correntes polidas pelas minhas mãos sujas da terra do quintal. Continuo hoje ainda a dar respostas ao meu corpo pretendendo convencê-lo de nunca ter tido idade, porque a idade está em mim.

Estarei, ou terei, entanto, ficado possesso deste e de outros vícios de infância ?

Porque medito e me concentro em abstrações banais que considero mentalmente ora mais importantes do que tudo ora qualquer outra coisa mais importante do que isso?

Ontem (parece-me que foi ontem) comecei a escrever sozinho, e a papaguear leituras inventadas, com os olhos fingidamente atentos aos caracteres impressos dos jornais. Não como se estivesse a decifrar os segredos da escrita, mas como se os espaços vazios entre as palavras desenhasses figuras em negativo que a minha imaginação interpretava delirantemente. Como se estivesse a ser uma espécie de co-autor da invenção dos mistérios da estética, num improviso abstracto e distractivo das conversas dos adultos que me alimentavam e dessedentavam, me lavavam e punham o cu de enxuto.

Passei horas e horas a falar disto comigo, gratuitamente, como se eu próprio fosse apenas a solidão por vezes acompanhada do meu corpo sensual desde o berço, sedento de sabores e de sensações à flor da minha pele sem pelos de antigamente.

Afinal, as interrogações mais frequentes na minha curiosidade congénita pressupõem uma busca livre, autónoma e constante, sobre a minha identidade original: meio lógica, meio adivinhação.

Apesar de - ex-adolescente serôdio e adulto temporão - começar a perceber que o meu corpo iniciou, com a maturidade, o processo do seu próprio envelhecimento (independentemente de eu ser mais capaz de engendrar respostas que satisfaçam a natureza concreta das suas intermináveis perguntas) algo teima em contrariar-me o raciocínio sensato da maioria estatística dos humanos da minha geração, cúmplice de uma cultura de tabús sexuais tão ignóbeis como o anonimato da cegonha portadora de encomendas forjadas romanticamente às escuras e ao frio do pecado, em vãos de escada ou à sombra maligna da Árvore da Ciência do Bem e do Mal.

interrogativa directaⁱⁱ

Angústia. Periodicamente. Uma espécie de cansaço interior. Qualquer coisa remanescente dum morto cardíaco. Da família. Proximidade: 100, 50, 25, 12, 5, 6, 25, 3, 125, 1, 5625, 0, 78125: igual a zero.

Depois, caos. Agora ainda pendente, só. Uma imanência. Eflúvio. As palavras ditas. Mal ditas. Malditas palavras mal ditas. Impaciência. Um furor antimagnético. Uma dor profundis-simamente aguda. Misturada com música. Uma peça de teatro. Póstuma também. E um filho. De ninguém. Dor. Uma dor finíssima. Peste. A cor que os insectos têm guardada nos olhos. O desinteresse dos gigantes. Insignificância.

Luz difusamente clara. Cegueira a aproximar-se.

O que é um homem? Em que consiste amar?

Dádiva é igual a esmola. Um sentido de piedade e uma flor murcha nos lábios. Roxos.

As múmias tiveram alma, algum dia? E eu?

Que importo eu?

... Um homem só, uma nau à deriva, as velas rotas. Leme! Quem te poderá conduzir, leme? A vaga. O passado, lento. Abrupto mente. Soterração de esperanças. Eu não posso fazer nada pelos meus filhos. Ninguém quer as rotas velhas da minha navegação. O astrolábio do dia. Não sirvo. Sou poeta: de faca... e alguidar. Poeta galinha, penas, e água quente, que escalda a pele, para as depenar.

Que fiz eu de tão mau para isso, deus? Quem és tu? Onde estás que me respondes com raios e coriscos a todas as preces e apelos das rezas e orações decoradas que me ensinaram a soletrar à noite? A intenção. As tentações do bem. E a boa vontade. As intenções de amar! O que são? Para que servem? O Amor é o quê?

A *progressão* racional regride. Tende para zero.

A vida... é um escorregão imparável. Um salto para o futuro.

A vida não me serve, ou não sirvo eu à vida?

Estagnação. Luta contra o Tempo. Luta contra mim. Contra o que me envolve!

Contra o que me empurra e abate. Me sopesa e me levanta. Como uma nuvem e uma garra. Como uma asa e um buraco, um vôo e uma queda. Uma alavanca!

Esta interrogação permanente é tão inevitável como a morte.

Tão inevitável como a vida, é o instinto fatal de ter nascido.

sultã de túnisⁱⁱⁱ

Com vontade disso e muito mais cruelmente misturado com a vida do que a carne. Com o espírito. E, ainda por cima envolto nesta espécie grotesca de nevoeiro, com sentido de propriedade privada: uma obsessão simultaneamente de fora para dentro e vice-versa - amor!

Apaixonadamente escravo da Sultã de Túnis que, há anos ainda, estava por nascer, de entre inúmeros nomes diferentes que tiveste.

Deixo de pensar e reduzo a uma associação frequente de símbolos, em função de máquina, a actividade do meu cérebro incansável: a n o i t e !

Ruído de táxi. Um casal hipotecado espera uma saída, à entrada da casa fictícia de uma rápida dormida. Saída pela calada. Pagamento adiantado. Entrada sem bagagem. Todos querem ter uma mulher, por um pedaço só que seja. Ter uma mulher como ter uma coisa. Perdida a seguir. Sem nunca ser nossa. Este ser homem por fora com esta impressão persuasiva hereditária. Esta marca de origem por dentro.

Ao ralenti um coupé fechado desliza a acariciar a madrugada da minha imaginação. Os outros ruídos, tão de longe, confundem-se com o zunido ainda ausente das moscas entorpecidas. De curral e capoeira, de cocheira e latrina. Na província feudal, romântica. E já novecentista. Onde cheira a gado e agricultura e floresta por arder, antes da invasão asséptica das máquinas. Nada disso tem a ver ainda com a cidade mas com a vontade de mudança de ares. A necessidade de sintonizar uma ilusão sem stress. O desejo de voar que nem toda a velharia perde e só apetece às pessoas que se não fixaram: os adolescentes e as crianças, os velhos sem contentamento, que sonharam, desde a juventude, com uma viagem. Ao estrangeiro. Que começa nos arredores inultrapassáveis das muralhas financeiras urbanas dos operários mal pagos de todas as cidades.

Sultã de Túnis é a imagem-da-tirania com que vieste à tona, no semiplenilúneo deste sonho, abruptamente cortado pelo despertador. Os passos musicados, o arfar do teu seio, o balanço rítmico das tuas ancas e o roçar fremente das tuas coxas solidamente apertadas pelo tecido cotelé das longas falsas calças negras de cetim. Uma beleza toda

inteira embalada em vestuário. Tu. Reminiscência. Oculta em seda branca no branco alvo de um lençol queimado por morrões de cigarro. Onde respiraste o meu nome. E ficou assinada de cruz a minha presença. Sultã de Túnis – porque não? – se a nossa silhueta se contrai em símbolos, números ou palavras !

Sultã de Túnis é a imagem-da-tirania com que vieste à tona, no semiplenilúneo deste sonho, abruptamente cortado pelo despertador. Os passos musicados, o arfar do teu seio, o balanço rítmico das tuas ancas e o roçar fremente das tuas coxas solidamente apertadas pelo tecido cotelé das longas falsas calças negras de cetim. Uma beleza toda inteira embalada em vestuário. Tu. Reminiscência. Oculta em seda branca no branco alvo de um lençol queimado por morrões de cigarro. Onde respiraste o meu nome. E ficou assinada de cruz a minha presença. Sultã de Túnis – porque não? – se a nossa silhueta se contrai em símbolos, números ou palavras !

A poesia voa ao sabor dos mitos, no vento.

As sombras da noite da cidade são fixas. E é muito triste a gente sentir-se presumivelmente só.

Era a hera. Há palavras para descrever ódios e malquerenças. Palavrões de ofensa, juízos de descrédito e sinais absolutamente positivos e mudos. De desavença. Há!

Para um *Amor Feliz*, a felicidade não é uma palavra muito poética. É, mais que inútil, um assassínio. E uma destruição!

visita à morte | relatório íntimo^{iv}

*Ninguém é santo. Os santos são santos. Não existem.
Ninguém é exclusivamente místico.
Por isso está por descobrir o mistério dos anjos.
Ninguém sabe em que sítio exactamente fica o outro mundo.
"Il n'y a pas de mort. On ne meurt pas, on change.»^v*

I

À entrada, foi como um sono: profundo, anestésico. A extracção confusa das dores.

E do peso morto de estar vivo.

Depois a convergência do todo nos sentidos. A memória difusa dos sentidos, na imagética da escuridão. Uma luz mais ignorada que tudo (uma energia sem o cheiro da luz) bruxuleou a uma distância sem medida.

O foco dir-se-ia simultâneo, no âmago do meu corpo, algures. E no infinito algures, do mesmo medo ainda. Da falta de coordenadas. De chão. De tecto. De ar.

Um movimento qualquer comunicado a mim era de brisa. Outeiro tepidamente aquecido por um calor igual a um feixe de energia, toda Tempo. Todo o espaço, tudo foco, tudo eu.

Sentido direccional? Não havia. As coordenadas tinham deixado de obedecer a cardiais, a colaterais, a tudo. A nada.

Nenhuma ortogonia ali dentro! Nada. Ali não era dentro, sequer. A noção cega da presença de luz não tinha sabor. Toda a energia recebida era divergente e eu, como se exterior a ela, infinitamente grande, clinicamente morto, alheio o meu espírito às coisas possíveis e impossíveis deste mundo, era a própria essência da vida.

Som nenhum. Desconhecido tudo, na falta de sentido da ausência de forma.

Nenhum atributo simples da matéria.

Como se tudo fosse antienergia e eu um anticorpo constituído de antimatéria. Um delicioso bem estar. A morte dentro do letargo psíquico da anestesia.

II

Eis-me reencontrado na vida. Capricho em remedir a troca do Tempo pela convenção do movimento dos astros que me são familiares pelo nome. Voltei a saber que o dia tem 24 horas aproximadamente e é necessário actualizar o calendário no dia 31 de Dezembro em cada ano à meia-noite-padrão, para serem 0.00 horas do 1º de Janeiro e dia de ano bom.

Só não percebo o que é uma hora. Nem porque existe o hábito obrigatório de dormir.

À noite.

III

Readaptei-me à luz a que deixei de ser excêntrico. Ao som, ao cheiro, ao tacto. Ao ar que se respira e a um sangue pulsado para as veias por um órgão musculado cheio duma teimosia-limitada que domina, agora, a minha vitalidade.

IV

Começaram por chamar ressurreição a isso.

A gente habitua-se (inicialmente com dificuldade) à ideia geral do acordar da anestesia.

É um acordar na presença do espectro nimbado do semissono, o corpo arrasado, os sentidos de relação confusamente despertos.

Pouca curiosidade. Ausência. Nenhuma atenção voluntária. Uma resolução inadequada à definição consciente das formas e dos contornos, das atitudes desnecessárias. Do corpo.

V

O mistério é simplesmente a coisa mais positiva e concreta da vida, entendida na base imperceptível do Tempo. Na linguagem da

Física, nas palavras invisíveis da Música. Mas perde-se-lhe a referência e o que fica da sua evidência na memória genética profunda é tão inacessível e abstracto como o subsentimento de algo ter acontecido connosco para-além-de-nós, num sítio não localizável. Um *lá* (fora da pauta), onde, nada fazendo sentido, nada se percebe conscientemente. Um *lá* (sem escala), em que a percepção subconsciente se confina a um estímulo arracional de inteligência absoluta, global e sem definição. O um ou o todo onde cabe tudo. Porque é uma entidade sem identidade. Uma linguagem abstracta, pura, autossignificante. Sem tradução. Porque o mistério não tem definição. É um verbo desconhecido (ou será o Verbo mítico?). Não é passível de leitura gramatical, semântica, semiótica ou lexical. Não se contém nas *palavras* todas (de todos os códigos, escalas, medidas, tabelas, fórmulas ou vocabulários conhecidos), nem nos sinais (marcas, signos, símbolos ou *vestígios*) a que os humanos concebem a atribuição da possibilidade hipotética mais longínqua de qualquer sentido.

VI

Tenho a sensação de algo sobrenatural e impalpável (mais intangível do que a diferença entre uma *saudade anónima* e abstracta desse *déjà-vu*, e a noção vaga inimaginável de qualquer sensação pura e difusa), onde o pensamento, simplesmente, não existe! Porque é o todo onde está tudo, onde a unidade se não divide, não se reproduz, nem pode repartir-se, e submeter-se à investigação da ciência conhecida. Porque o verbo, a palavra, é estritamente correlativa ao meio físico que a determina e classifica para além da sua metafísica. À angustia da insuficiência (incorrigível) da expressão codificada que a gnose cerebral avalia, critica e regista, classificada, já prè-alterada nos dados bioquímicos da receptividade que a admite como estímulo.

VII

O verdadeiro anonimato envolve de mistério a coisa cuja reminiscência acaba por confundir-se, reduzida à sua impessoal expressão. Um lapso. Uma coisa parecida com o infinito e pode ser a eternidade. O sempre todo no centro do nunca, o resto é vazio.





Um vazio absolutamente cheio de vazio, indiferente à própria existência da coisa inacessível a que ficaria a corresponder a impressão, a autonomia-expressa, a validade, estética, soberana, da palavra.

VIII

Tão assim feita de dificuldade e traduzida em dor serena, a sangue frio, fica a abissal distinção entre vida e morte. Como a suposição de uma mudança brusca de estado, quando em física estudamos as qualidades da matéria, explicadas por quem nunca esteve, a quem regressa, do lado de lá de um universo qualquer.

Diários de bordo 4950 a 4953^{vi}

...50

O homem tem uma tendência natural para a imitação dos deuses. À conversão de todos num só assiste o direito consequente de acusar, julgar, sentenciar, condenar e executar, aplicar injustamente a punição. Os homens castigam-se, por isso, uns aos outros e os que vencem são os de força mais forte. Nas mais remotas origens dos filhos de Jeová e de todos os outros deuses que fizeram em separado a mesma terra, céus e infernos diversos, reside sempre o princípio da guerra: dos bons que vencem contra os maus que perdem.

Hoje começo a sentir-me neste indissimulável manicômio, como um maluco curado de ter sido Napoleão em Sta. Helena. Como um grande revolucionário sagrado rei pela simpatia, ébrio de poder e desterrado, pela boa razão de nunca ter tido reino algum.

Estou isolado pelas coisas. Estou em ilha. Estou aqui à espera de coisa nenhuma. Como se as horas dependessem de mim. Como se o absurdo em movimento, deste planeta incongruente, tivesse alguma coisa que – incluso eu mesmo – realmente dependesse de mim.

Daqui a pouco já ninguém responderá às minhas perguntas. É por isso que ando a falar sozinho comigo, com respostas desnecessárias à solução teórica dos meus problemas práticos.

Possivelmente estou abatido. Porque qualquer coisa me abateu. Não sei se é a guerra colonial, por não estar nessa. Não foi por ter perdido o relato empatado do Sporting-Benfica de ontem, ou do Porto-Braga de amanhã. Perco os relatos todos de **futebol**, desde sempre. E tenho passado bem.

Começo a não comportar o isolamento. Não saio de casa e disso gosto. Mas estou cansado de muita coisa que anda na rua. Acho que desta feita vão prender-me.

Esta ilha entedia-me. Vou ter que sair porque me chateia a varanda das traseiras do sítio em que me vou casar porque já está tudo combinado.

São bonitas as ideias azuis, cor-de-sonho. As ideias suaves.

Quem tem por aí duas ou três ideias suaves para mim?

Vou sair.

...51

Está visto que acabo por estrilhar. Que não consigo dominar tudo quanto é revolta e resulta desta angústia peculiar. Está sempre uma circunstância nova a ser ponderada dentro de mim.

Dá-me vontade de não me dar vontade de nada e no entanto tenho vontade de ir imediatamente lá para fora. E acabo por ir parar aí.

É uma vontade brutal, dura, um impulso irresistível. É a atracção do abismo. Dói. Dói tanto quanto é inconcretizável sair à rua e não ir para aí. Dói tanto quanto a impossibilidade de sentir de novo o sabor da Liberdade de pensar. Que perdi. Dói. Dói mais cada hora que passa. É uma dor de mau tempo. Dói com uma dor igual ao tempo mau que me chama e não atrai. A tempo de a gente não ter meios de defesa. Ou de não estar para defender-se, pura e simplesmente.

* * *

...52

Fui dentro. Estou dentro. Enjaulado neste pequeno antro sombrio. Com um lápis e papel, um catre e um assento, uma mesa e um púcaro. De alumínio, o púcaro. E de ferro a grade da janela que bota para o saguão de recreio, vigiado por cães de fila treinados para uivar.

Há uma farmácia na enfermaria. Uma biblioteca visada pela *Comissão de Censura*. A **Bola** estava proibida de franquear os portões blindados do xelindró, porque publicava escritos duvidosos de tipos suspeitos de serem comunistas. Só o *Mundo Desportivo* arejava as necessidades literárias impróprias dos detidos. Higienicamente falando, estavam só autorizadas as notícias anódinas e *objectivas* (escritas com algarismos): os resultados *atléticos* de todos os jogos nacionais de **Futebol**.

Era bom que ao menos isto desse origem a um livro bom. Mas nas atmosferas frias, húmidas e escuras tudo quanto nasce muito anunciado em pouco tempo tem um progresso inevitável de mau sentido.

Adivinho que vou reabilitar-me à solidão física. A escrever na penumbra, como quando lia pela noite dentro à luz da vela, para não afrontar os hábitos salutareos de um médico com quem vivi 17 anos quase a fio. E a não ouvir nada. A fugir das outras pessoas. A fugir dos outros para dentro

↳

←

de mim. Porque querem confirmar as suspeitas profissionais deles. Porque têm um *mau olhado* marcial frustrado de inquisidores de ofício. Porque lhes sai, da íris baça, como um escarro, o brilho cortante da uma retina invisível, para sondar a nossa resistência. E não funciona. E simulam leituras de depoimentos inexistentes das pessoas que amamos, onde nos comprometem em atentados e violações inexistentes e testemunham a confirmação acusativa da nossa perdição. Exigem denúncias, delações urdidadas, falsas confissões de tramas culposas, hipóteses aziagas mal enjorcadas produzidas nas suas mentes insanas, mórbidas e devassas, criminais. E eu quero resistir escondido. Dentro de mim. Ao insulto sádico penoso, à profanação gratuita da intimidade e da inteligência, paralisada pelo terror da minha sensibilidade acústica, ao histérico frenesi atemorizador dos interrogatórios policiais.

* * *

...53

Que frio! Que vontade de sol. Que vontade de céu e de ar livre. De árvores. E de mar.

As leis do meu país, *que era lá fora*, bóiam à tona do guano. Na fossa constitucional de 1933. Já sem bacilos de Koch e bacteriológicamente isenta de Liberdade. Fabricada por peritos e generais, padres professores e seminaristas. Em sete anos de burocracia jurídica. Imutável, estática e definitiva que aqui se comemora trinta e nove anos depois. Nós fizemos o mal que a **subversão** dos livres-pensadores pode fazer à repressão perversa dos fanáticos e dos coadjutores políticos do *Mundo Português*. ↘

E ainda por cima as lágrimas do meu medo secaram-me na infância. Os poetas como eu choram o medo com as palavras da raiva. Seja em prosa. Seja em verso.

Sinto agora que fui menos feliz na prisão do que no quarto de luxo de onde saí vivo do hospital. Os médicos e os enfermeiros não ganham dinheiro para maltratar os pacientes.

Casta denunciada^{vii}

O pesadelo consiste em Dante. O pesadelo é fazer coro com a Francesca da Ramini e gritar tragicamente na direcção do poeta, guiado por Virgílio na descida aos infernos: "*Nessum maggiore dolore che ricordarsi dei tempi felice in la miseria*"...

É! O pesadelo consiste em Dante, em Sísifo, em Tântalo. Em ser-se galinha num aviário, ser criado numa bateria de engorda de carne para abate. Em não poder fugir. Porque há Cérberos a guardar o tesouro dos mortos que a Circe tinha em casa.

Eram já, cérberos os monstros de pesadelo que à noitinha se me punham a espreitar o semissono, dos cantos do tecto.

Em família, acho que fomos sempre claustrófobos e agarófobos. Muito aparentemente fortes, bastante temerários e hereditariamente desacompanhados. Alguns foram até *tementes a Deus*, (como a avó), outros foram grandes chefes de família apesar de constar que perderem mais tempo e dinheiro com o amor ao próximo do que por causa da política. A minha família deve ser ainda mais antiga do que rezam as crónicas das outras, pois tudo leva a crer que seja anterior ao seu reconhecimento jurídico e religioso, por não ter sido inicialmente aviltada pelo dever de tratamento que se lhe exige, como mera instituição social, despoticamente comandada pelas normas da velhacaria da elegância e dos costumes, com representação significativa nas taxas estatísticas de génios, nado-vivos ou mortos, de muitas gerações.

Nos extremos da minha família só distinguem a lucidez dos doidos e mais alvar estupidez dos normopatas.

As rígidas convenções que através dos tempos a enformaram afastaram-na dos caminhos de Deus a minha geração. Por isso passou a ligar-lhe o mínimo de atenção aparente. E nem sequer o gesto preconcebido do restabelecimento das boas relações, baptizando-se os filhos e as quintas com nomes de santos e santas conseguiu ludibriar o Criador, pois não concebo que seja injusto o castigo prolongado a que é sujeita.

processo contra os deuses^{viii}

Começou, há quarenta e oito horas, a borrasca. O mar do medo continua encapelado à minha volta.

De uma ilha qualquer, longe das vagas ergue-se o pico de uma montanha abruptamente espetado no céu. E um glaciár à volta.

A acessibilidade do mar está para a ilha como a inacessibilidade do pico para a aventura dos escaladores.

O mar da ilha é a neve milenar, o gelo que desliza na terra dos gnomos. Imperceptivelmente. Antes da avalanche há séculos inesperada, que as fadas não puderam impedir.

Lançar um bote às águas alterosas do mar do medo, é inútil afinal. Seria engolido pelo abismo ou arremessados contra os rochedos da costa, os destroços já desfeitos pelos escolhos baixios tapados pela maré.

Ah! É diferente lidar um navio, do lado de dentro a meio do naufrágio ...de escrever uma epopeia em prosa numa língua inacabada.

É preciso esperar que Zeus e Neptuno façam as pazes com Éolo, quando Baco embebedou a mitologia toda numa ágape olímpica e a má disposição de Vulcano começa a tomar-se insuportável.

E ficam as pessoas para aqui. Amarradas aos caprichos estúpidos de deuses pagãos irresponsáveis, enquanto ninguém duvidar da existência deles, por não haver uma força inteligente e tão forte ao mesmo tempo que seja capaz de pôr alguma ordem nos desmandos da Natureza.

Não haverá um processo de dar cabo dessa chatice da senhora dona mitologia?

Estes deuses são produtos dos mais mal acabados e duráveis da indústria greco-latina. Os deuses!

Oh quão pitorescos são os deuses!

Quando se descobrir uma maneira eficiente de acabar com os deuses, a Terra voltará a andar normalmente à volta do sol e a lua reencontrará a serenidade. Continuará a gravitar em torno da Terra com mais tranquilidade. Dará melhores marés e eu deixo esta luta contra o mar do medo. Haverá melhores luas para os poetas sobrevividos dos naufrágios.

Quando coisas destas acontecem anunciam sempre um novo cataclismo social.

passáraga^{ix}

Espero. Eu sou a espera, na continuidade da Esperança. Arca de Pandora ou Arca de Noé. Ou arcas encoiradas. Sem pés de defuntos, com uma tampa fechada. O cadeado. O aloquete. A chave. O segredo.

Tu hás-de vir e, não obstante, tenho aqui, a ressonar a meu lado, a lembrança de todas as mulheres que me tiveram, nesta vida airada de barulheira. E solidão. De miragens. Miríades de miragens, entre o arco-íris e uma série imparável de flashes sucessivos da viagem do profeta Nostradamvs ao futuro.

O silêncio desta minha tristeza repetida tem nos meus lábios a inocência do sorriso. A gargalhada irreprimível da alegria magnífica onde aprendi a esconder a mágoa dos maiores desgostos. Guardados por imenso pudor e hipocrisia nenhuma.

Entre o que eu quero e o que desejo, a distância está no tempo. Na diferença matemática profunda que em música se mede entre uma semibreve e as colcheias de Bach, parecidas com as cuecas do Fausto, penduradas numa corda esticada ao vento.

Ou quero o que não posso, ou não desejo o que quero e corto relações com as ideias voluntariosas de um dos meus avós naturais, que comeu batatas cozidas em mijo, para matar a fome da batalha perdida da Flandres, naquele húmido frio belga da história de quase todas as guerras europeias.

Falo comigo há uma imensidade de anos e - com os meus botões cheios de risadas - choro o destino dos outros antes de cumprir o meu.

E cada vez que perco, ou me roubam qualquer coisa, a minha indiferença aparvalha os meus convivas, geralmente todos descendentes de árabes, cristãos e muçulmanos, de judeus, visigodos e saxões, primos de sangue de gregos e fenícios, cruzados com romanos berberes e ameríndios, sem saber porquê !

Nasci com esta tremenda confiança na memória que me trai e, no entanto, distancio-me de tudo e a pouco presto a acutilante atenção dos meus olhos de lince. Que despem de segredo os movimentos sensuais das fêmeas. Que metem dentro do corpo delas a evidência física e

inchada da diferença que nos separa. Como se uma imaculada união social imaginária, estivesse subjacente à legalidade grotesca do mais belo e animalesco acto romântico do sexo. Violento, carnal, musculado, muito suado e vagamente clandestino.

As *inaugurações* são assim mesmo. Ou despertam muitas atenções parecidas e faz-se um ajuntamento sangrando expectativas, ou cai por terra toda a adjectivação oculta, pendente de cada expressão substantiva. O radicalismo ilógico da subjectividade vence-me os raciocínios ocasionalmente críticos. Desfaz-se em chamas e polvilha-me a pele com a poeira ácida da cinza dos sonhos.

Hoje estou azedo. Não tenho vontade de saber que dia do mês é este, nesta semana de Outono de um ano que não quero datar para não lembrar-me mais e é por isso que gravo esta conversa, enquanto me esqueço de tudo quanto se passou nas horas precedentes de hoje e nas imediatas, antes ...de amanhã. Porque acho que nada aconteceu.

A rapariga acordou estremunhada e deu comigo ao lado, no escritório a martelar as teclas da máquina de bater letras decalcando-as no papel. Que merda de barulho este que desperta o sono das belas adormecidas nos bosques da minha cama!

Vou ter de falar com ela mas, de facto, não tenho nada para dizer-lhe e o orgástico prazer que ela abafou na humidade das almofadas satisfaz a minha sede de afirmação, deu uma grande leveza ao egoísmo inconsciente do meu corpo e deixou-me auto-drogado, nesta insónia inclemente, pendurado no abismo da falta de energia, onde o Tempo não pode contar-se em múltiplos de horas, na data incerta de um dia em que não quero lembrar-me mais de ter acordado, para ficar à espera de outra, sei lá quando. A mulher com quem me apeteça, se existir, adormecer a vida inteira.

delírio^x

Acabará um dia por rebentar, no meu país também, uma revolução a sério, com mortes e tudo, onde pessoas conhecidas vão encher a rua, enquanto estiverem convencidas do seu anonimato, no meio da multidão.

Um jovem - como eu não serei já, nessa altura - perguntar-se-á, como eu, agora (neste regime impopular que brinca às ditaduras), que diferença existe entre uma opereta e a outra.

«res non verba»

Anteponho-me na *posição* proposta e sobreponho-lhe uma posta de sol-pôsto.

E, posto que me dispusesse a pôr a pasta, na mesa *posta*, em posição *insuposta*, pus-me naquela *postura* indisposta que os impostores põem quando os outros supõem estar na *disponibilidade* de justapor, à sua melhor *disposição* a contraproposta de mais uma nova *reposição* [...] ?

regresso ao futuro^{xi}

No mesmo sítio, aquela mesma porta e eu, praticamente no mesmo tempo, na mesma ignorância, na mesma posição relativa à mesma rua e àquele mesmo edifício transformado, na sua utilização. Com uma nova cor de referência. E outro mobiliário.

E afinal não.

Nem o sítio, nem a porta, nem eu, praticamente, eramos e estávamos no mesmo tempo.

Aquilo era eu só, acordado, vindo de outro mundo, chegado ali de uma viagem pela memória, procurando referenciar uma vaga recordação.

O velho café não estava lá. Tinha outro nome, não havia café e tinha mudado de dono. O que significava para mim o mesmo que não ter dono, nem tratar-se já de um café.

Bem vistas as coisas, eu nem sequer gostava agora de café e, portanto estar ali tinha, necessariamente outra razão de ser, do mesmo modo que eu não conseguia perceber a língua que as pessoas falavam, nem reconhecer os nomes e os preços das coisas, escritos com caracteres imperceptíveis ainda que vagamente idênticos aos que me seriam familiares e comuns à recordação que procurava.

Sentia-me lúcido, no entanto. Sentia-me vivo e tinha sede. E ouvia os sons que tudo produzia ou ecoava à minha volta. Sentia com estranheza, mas sentia, aquilo que tocava. Tinha frio e a minha fadiga estava a requerer comida e não repouso.

Tinha fome. Tinha sede. Mas não estava interessado em dormir.

O que estava a acontecer comigo tinha tudo a ver com uma recordação que se procura e portanto se subentende ser supostamente encontrável.

Estava a falar comigo, naturalmente sozinho, trocando confidências secretas, alarmado pelo receio de que alguém estivesse a tentar percebê-las, ou sequer ao menos por não poder entendê-las, a suspeitar da minha invasão clandestina de um mundo em que sabendo eles que eu estava, ninguém estava disposto a aceitar como um facto verídico a simples coincidência de, afinal, eu não ter chegado a morrer nunca, por mais inconcebível que isso fosse..

os sapatos^{xii}

Estou a tomar consciência da situação. Não são nada boas as perspectivas que posso imaginar daqui, do presente, para aí, esse futuro, onde todos vós estais à minha espera e pode bem acontecer que eu não chegue. Nunca.

Por exemplo, confesso-me - tenho fome. Isto é ridículo. Mas é um facto. Tenho fome, desilusão, algumas, vagas, incertezas e esperanças e, isso concerteza, poucas possibilidades me dá, de sair-me disto.

De qualquer modo, sou um tipo decorativo, utilizável, capaz de dar-se a troco de um sonho qualquer que seja bom. Em que acredite.

É por isso que vocês estão à minha espera no futuro e que talvez não consiga mesmo chegar lá. Ou não queira.

Sou um tipo justo. Mas tenho fome. A fome é um fenómeno dimensionalmente progressivo. Cresce, aumenta, agiganta-se gradativa e, simultaneamente, começa por engolir-nos o que nos resta de estômago contraído, sem deixar de ameaçar-nos o bocado de cérebro em que guardamos as economias de coragem, de resistência nervosa, de optimismo.

Sou um tipo justo e, porque tenho fome, pergunto a mim mesmo se há o direito de ter-se fome assim, sem mais nem menos. Claro que não. Tenho fome, porque quero. Eu podia perfeitamente não ter fome, nunca. Ou se soubesse ganhar dinheiro suficiente para ter alguma coisa ou, mesmo sem saber isso, soubesse viver a vida com um pouquinho de habilidade, algum respeito por mim próprio e menos pelos outros. Sinto-me bêbado. O que eu estou é bêbado. De fome, de cansaço, de solidão, de estupidez e preocupações absurdas. É que, de facto, não existe razão alguma para que me sinta magoado pela desconsideração, pela pretensa tolerância com que me tratam os que me *protegem*. Quando uma pessoa se coloca na situação de protegido - ou se deixa colocar - deve integrar-se no ambiente histórico respectivo. Merda! Nem sequer consigo manter um raciocínio! Estou bêbado e, claro, amanhã vou sentir-me ainda pior que hoje.

Mas eu não sou merda nenhuma! Gaita. Sou até um tipo culto. Formação universitária, vasta informação filosófica, alguns conhecimentos técnicos e científicos. Quer dizer, portanto, que devo valer alguma coisa. Raios

partam! Foram os sapatos. Claro. Foram os sapatos que me lixaram a vida e me puseram de castigo. Vou dar cabo dos sapatos. Cambados. Velhos. Mal tratados. Sapatos maus, dos poucos que tenho. Mas porra. Vou dar cabo deles. Amanhã. Demanhãzinha. Amanhã, quando acordar, cheio de medo não vá esquecê-los lá, de novo. Até sou capaz de ter um pesadelo em que me sinta esmagado por eles, com meia dúzia de olhos de visitas muito mais importantes do que eu, a envergonharem-me com um sorriso trocista e altamente superior.

Para já, estão a dar-me fome, os sapatos. Amanhã vou deitá-los fora. Por causa deles, tenho dores nas costas e esta sensação incrível de estar a tornar-me em assassino de mim próprio, misturada com um absurdo complexo de culpa. Chatice! Eu devia ter pensado hoje, dia da Mãe de antigamente, 8 de Dezembro, que o meu horóscopo talvez trouxesse alguma advertência em relação a sapatos... ou coisas de usar nos pés. Mas que fome! Afinal eu devia continuar o estudo dos betões, que não tem importância nenhuma em comparação com isto. Mas qual quê? Só me dá para mudar de assunto e não posso escrever FOME num plano que dá milhões para o futuro dos outros e anda a consumir-me ma\$\$a e juízo!!!

Bolas. E agora vem-me tudo à lembrança, misturado com a minha fome. Bem sei que nós temos necessidades a escalas diferentes. Está bem. Mas eu tenho fome, percebes, estupor de máquina de escrever, emprestada por diletância para o relatório que me põe a cabeça à razão de juro e me faz jurar que amanhã dou cabo desses sapatos!

Continuo a escrever estas barbaridades para ver se, ao menos, me vem o sono. Está bem. Daqui a bocadinho. O trabalho. Eu gosto, ainda por cima, deste género de trabalho. Em coisas que se vejam. E sejam úteis. Ao menos para os outros. Mas o trabalho, de facto, não vale nada. O trabalho só serve para entreter a vida. A mim, nunca serviu para mais nada. E, afinal, já não é mau, enquanto me mantenho entretido.

E não há meio de ter sono. Não querem lá ver esta? Morpheu anda-me embalar num sonho bom e que amanhã eu não me esqueça dos sapatos e sonhe que estou a comer com toda a regularidade e sou cumpridor como um bom funcionário público, subserviente e imbecil, que leva raspanetes do chefe da secção e vai, daí aos pois, vinga a sua bÍlis no contÍnuo mais miserável que tope pela frente.

Padrinho! Quando eu for grande, quero ser funcionário público, ouviu? Quero ter férias e reforma e descontar p'rá caixa e ter uma cooperativa

e... Não padrinho! Qual secretário de Estado? Secretário de Carteira, manga de alpaca, para não raciocinar. Merda! Raios partam a puta da fome.

Mas afinal, que estou eu para aqui a dizer? Se calha o gurú, ainda não adormeceu e amanhã recomeça o dia preocupado e mais enervado ainda, porque eu tenho a certeza que não foi por mal isto, hoje. Traz lá é uma preocupação qualquer bem no fundo e não diz nada a ninguém. É por isso que se reage assim mas, **bolas**, se eu tenho feito a b s o l u t a m e n t e tudo quanto posso, se nunca reclamei coisa alguma. Nem sequer me importo de *parecer empregado dele*, o que nunca admiti a ninguém, porque é que? Foram os sacanas dos sapatos. Ai foram. Foram mesmo os sapatos. Esses dois pedaços de porcária devem ter lá qualquer desgraçado de bruxedo misturado com chulé antigo, para que eu os tivesse deixado lá.

Mas agora reparo que até estou com medo de ir-me deitar lá dentro. Supondo que eu morria lá? De fome. Bem. Esta fome que eu trago é só por ter andado muito habituado a comer. Não se morre por isso. Daqui a pouco, o sonho acaba por chegar. Estendo a trapagem e meto-me nas penas, entre os lençoizinhos de seda persa sob o edredon de avestruz e mando esse lacaio que ainda não me veio dizer que a cama está aberta, apagar o candelabro fora dos aposentos, para não escutar-lhe o sopro, que me pode acordar. Bem no fundo acho que sou muito susceptível e isso causa-me transtorno. Vejo-me impedido de praticar o exercício da susceptibilidade. É um exagero o excesso descontrolado da gratidão. Tenho fome. Mas que merda esta!, continuo a ter fome!

Ainda bem que ninguém suspeita, nem suspeitará disso e os meus filhos já se não lembram do que isso seja, agora, e não podem guardar memória do sabor horrível que deviam ter os biberões que eu lhes preparava.

Ah! Lá cuidadoso era eu. Não sei porquê, mas quando gosto a sério das pessoas sou capaz de fazer tudo por elas, até à escravização. Já com as mulheres foi isso! Ao fim e ao cabo, elas não devem ter tido culpa nenhuma! Abri-lhes, uma a uma, todas as portas para a preguiça, o desleixo e a traição, que é um protótipo de requinte da maldade. Elas foram-se habituando a tudo. Até que fosse eu sozinho a amar. Por isso, não era preciso amarem-me, sequer. Eu também me amava o pedacinho

que me era suficiente. Bom. Tenho fome. Mau. Isto são lições da vida. É bela, a vida, vista pelo lado belo de ver a vida.

Merda! Mas com fome! Com esta fome de que eu sou responsável!

Sim. Ó meu pedaço de asno, ó minha grandessíssima besta!, porque é que, porque carga de água, te deixaste comover quando te disseram que não era justo aceitar o testamento, ainda por cima se estava datado e assinado e bastava um notário, um notário qualquer para ficares a rir-te daqueles hipócritas que tudo quanto fizeram como testemunho de amor enquanto choravas à lareira foi andarem a coscuvilhar os esconderijos da velhota? Não tenho desculpa. Sou asinino. Tableau!

Apre, que fome! Isto é que é um estafermo de uma experiência, ham?

Estou arrependido de todas as esmolas que dei aos pobres e das gorjetas que generosamente larguei, nas mãos que seguravam os bivaques dos porteiros, os meus defuntos bons sobretudos e outras coisas mais. Arrependo-me dos pagamentos de bebidas a prostitutas e dos jantares e ceias e das prendas caras e das orquídeas, pouquíssimas, que dei, e de ter comprado a jaleca, no outro dia e de mandar fazer as calças e de tudo. Estou arrependido de tudo. Uhm!... Não. Isto é da fome. Não estou arrependido de nada disso. E também não posso arrepender-me de não perceber nada do que sejam os meus interesses, porque não cheguei a precisar quais são eles, na realidade, afora os de ver os outros felizes. Arre porra! E nem isso vejo! Decididamente, tenho fome.

Ah! Espera. Se um dia aprender a ganhar dinheiro, na proporção exacta em que o ganha toda a gente que o tem, hei-de inventar um objecto de vingança perfeitíssimo - uma máquina infernal - hei-de continuar a portar-me da mesma maneira, exactamente como indica esta minha despistada consciência de parvo.

Tudo certo, sim. Mas, antes disso, é preciso destruir os sapatos. Os sapatos, claro. Os sapatos. Completamente.

acento tónico^{xiii}

Só quando a tarde diluída em sombras começava a garatujar silhuetas na parede do quarto, contra a janela, me decidi a abrir os olhos. Totalmente. Ela tinha aquela cama larga, só para ela. Sem que isso constituísse uma prova absoluta de egoísmo. Ter uma cama só para si, ao fim e ao cabo é menos que uma atitude. É, mesmo, uma posse aparentemente pouco individualizada. Ter uma cama, é ter uma cama!

Impassível, no sono ainda, aquela estatueta, um todo nada exagerada e muito receptiva, arfava suavemente, causando ao volume, duplo e hemisférico dos seios, um movimento, tenso e febril.

Erótica. Compactamente morna esperava-me noites-ao-frio, no quinto andar de uma rua que já não conheço. Uma, qualquer, dessas sem datas, com nome de pessoa morta que foi alguém, nesta cidade.

controvérsia^{xiv}

Tu vais voltar. Hoje. Trazendo nas mãos, contigo, as brisas sensuais do Outono. E a tepidez acariciante dos teus olhos cheios. De Outono. Vais voltar e ao chegares será como de uma longa viagem que tivesses iniciado ontem. Sem querer. E vai haver todo um afago manso de pétalas a secar. E de folhas crestadas como sedas a esconder a insaciedade lúbrica dos frutos a amadurecer na sombra.

Vais precisamente voltar hoje. E há uma vertigem qualquer. Adivinho. Há uma vertigem qualquer no teu regresso. Por ser como se tivesses partido ontem para uma longa viagem-no-tempo.

O ar passou um verão todo a espreguiçar-se contra mim. Mas era grande a minha insensibilidade às brisas e à neblina. Falo de sensibilidade física e fiquei corroído.

* * *

E agora sei já perfeitamente que tu não vais voltar. O "sonho" avisou-me ontem pela quarta vez. E há anos que é isto, embora nenhum fatalismo me domine. Afinal trata-se de um problema meramente histórico. Inscrito numa história que nada alterou. Integrado numa evolução cíclica em que sou um ponto móvel incolor. Sem dimensões. Um ponto móvel sem atributos. Um ponto indefinível. Um ponto estritamente teórico. E tu não vais voltar porque ordenaste o teu tempo *pelas timing tables da Sabena*. Pelos relógios. E pelos calendários.

do amor que vive

Talvez fosse isso já o melhor que podia ambicionar. Inscrever-te viva nos meus olhos, ter-te comigo mais a sério ainda. Escrever um poema em cada dia nos dedos das tuas próprias mãos e respirar, mais devagar, depois.

Não uma teoria. Mas um sistema natural, prè-existente, que pudesse ensaiar-se experimentalmente, como uma coisa. E fosse maior do que um sentimento. Um sistema de tornar à vida menos amargurado às vezes e mais intenso quando acontece - amor.

Quero isso. Como se querer isso fosse, ainda por cima, mais do que a gente prender-se melancólicamente a um mundo paralelamente igual a este, em que as vicissitudes igualam necessariamente os prazeres mágicos e penetrantes que a beleza gera em nós.

A mim, o que me custa não é privar-me. Nem sequer ficar ferido e desfigurado no regresso da contenda. A mim, o que me custa é só isto de faltar-te o ar às vezes e eu ser para todos os efeitos e sobre tudo um organismo vivo. Que já foi ressuscitado à força. E estive enjaulado, depois.

conclusão^{xv}:

Não é aconselhável dialogar com os espelhos.

É uma maneira sinistra excessivamente privada e hermética de *dialogar*. Escolha-se outra espécie, porventura mais *ostensivamente honesta* e audível de *monologar* uma forma reconhecível, desenvolvida para aniquilar o solipsismo intimista e a-confessional abstracto do solilóquio.

Quem não vive bem consigo e precisa de um adversário à altura, não precisa de jogar à **bola**. Vai à lista e escolhe. Liga o rádio e ouve. Abre a Tv e *pront's!* Fica tudo resolvido. Ou compra um bilhete e vai ao estádio. Ou (se tiver como) toma conta de um clube. Se o clube ganha, é dele. Se o clube não ganha, não tem nada a perder. Seja na Galiza, que fica ao norte do Porto, ou seja em Faro, que fica a sul de Lisboa.

Eu por exemplo, nunca tive jeitinho nenhum para jogar ao Futebol.

* * *

Estou a recordar-me de (quando regressava da escola) passar pela Parreira e ver a malta da quinta do Felgar – o Zé-Maria, o Rogério dos pirolitos, o Silvério, o Jójó Nelas e o Valentim – «aos gritos e à canelada/com a bola abandonada», depois de ter esbarrado numa árvore (que assinalava uma das traves da baliza imaginária) no campo improvisado de lama, poeira e restos de calçada.

Acho, até, que um dia quis entrar naquilo, porque já tinha tentado sem sucesso todos os postos de um *time* na ginástica do liceu. E fiquei muito zangado por o *Valentim* me ter mandado à merda. Que aldrabões e gatunos já tinham lá muitos, para precisarem dum *árbitro fantoche* como eu. Ali, os *pênalt*s quem os marcava era ele! Frustradíssimo: Eu «*deixei de ligar ao Valentim/e ele deixou de ligar-me a mim*». Ele ainda hoje não se fartou daquilo e demonstrou já ser um dos grandes. Eu não me preocupei nunca em mostrar praticamente nada, estou a pensar nisto em voz alta para o gravador e continuo sem saber se *quando começa um desafio é quando se faz um clube, ou quando acaba o jogo...*

Todavia, todos sabem que o Futebol existe. Até eu. Mas já poucos sabem quem foi – e se serviu para alguma coisa – o *Galileu Galilei*

Vou desligar!

(clique/claque!)

MONÓLOGOS

o trigo e o joio

- Olha! A ti já não peço nada. Mais nada. Nem sonhos como rosas brancas, nem carros fúnebres – chatice! Como antevisão minúscula de cemitérios. Não a ti, vai descansada! A ti, já não peço nada. O que vier morre. É mais aconselhável aceitar-se o que nos dão, seja bom, mau, ou assim-a-sim... Por exemplo: é como o Cristo – nunca *dar duas vezes a mesma face à mesma bofetada!*
- Vendo bem, apetece-me fugir! E não fujo. Qual quê. Nem pensar nisso. Apetece. É. Apetece simplesmente. A gente não escolhe. Na vida, quem manda é a força-maior. Vencem os que têm mais força. E ainda assim nunca houve força maior que a dos mortos. Porque estão mortos.
- Lembro-me deste tempo todo que tenho levado a ver viver os outros. A assistir à existência dos outros. A participar como uma escora na cisão de pilares de cimento (que me dispensam de ser escora) pouco tempo depois. É. Por isso apetece fugir. E só não se foge porque ser escora não tem nada de automóvel. Ser escora é estático, sólido às primeiras impressões, relativamente estável mesmo se empenado. Ser escora é útil. E estúpido. Que risco se corre em ser-se escora!
- As noites podem passar-se de muita forma. Até a garatujar palavras ocas! A chorar, a dormir, por entre pesadelos e cúmplices desejos de que os prazeres da carne envolvam nos mil braços cambiantes da volúpia os frémitos anónimos que ficam imberbes num corpo solitário horizontal. A diferença está em passar as noites sem medo. Com os olhos colados, não obstante, num foco longínquo. Pouco promissor de futuro. Com a pele ansiosa de tacteios cálidos de beijos. De ternura. Uma ternura sôfrega. Infernalmente meiga!

* * *

Escuta! Escutem todos! Escutem bem: - A vida, meu amor, esse mistério nebuloso que o sol teima desmentir quando há azul-do-céu, existe ao mesmo tempo na tua capacidade de amar - o paradoxo - na fúria incontível da tua obstinação. Ficaria sem saber quem és se não lembrasse o mar calmo das noites de lua cheia e a escuridão da borrasca, simultaneamente.

"É preciso separar o trigo do joio" disse-me uma voz anónima (*igual a todas as vozes, uma voz média e distante*). Aonde? - perguntei. "Nas pessoas", respondeu "esse é o teu destino!"

mensagem a um apartamento

- Hoje o dia parece igual aos outros. Porque o único medo continuou a ser o de ficar assim. Como estou.
Fosse contudo porque tu viesses. Ou fosse porque espero. Em vez deste sono de lembrar-me, que atrai a toda a hora.
Ainda assim a manhã ficou parda e triste após o sismo. Um sismo que nem chegou a nada. Um sismo que se perdeu a si mesmo, sem mais consequências e sem outras conjecturas.
Anunciam os jornais lá fora. Exactamente como há quatro anos, a esta mesma hora. Porque o único jornal extinto saía antes e mesmo um ressuscitado recente viveria perfeitamente sem essa referência como se apenas acordo lhe tivesse sucedido.
Penso que de facto o próprio sismo não teve importância nenhuma. E abandonei para sempre o vício de seguir os outros na leitura dos jornais.
- Talvez afinal hoje o dia seja diferente. Apesar de ser só meu o medo de ficar assim. Como estou.
Um dia, o meu pai garantiu-me que eu era e seria sempre um mau epistológrafo. Foi por isso exactamente que desisti de tal literatura. As cartas que continuo a escrever são cartas para mim. É desnecessário escrever cartas para os outros. Eles não as leriam mais do que uma vez e, para isso, chego eu. Eu chego perfeitamente para ler cada carta uma vez.
Mas olho em volta e fico transido de constatar que o meu abandono se encontra suportado por mil e uma companhias cheias de boavontade que não entendem absolutamente nada do que se passa. Tudo o que se passa é comigo. Como se eu próprio bastasse para fazer e desfazer as coisas de que dependo. Como se eu próprio ultrapassasse as minhas funções iguais às de outro qualquer deus

passageiro, sem mais preocupações com o presente do que com a eternidade.

- Estive a falar contra os meus hábitos forçados de silêncio. Só ao verificar que estava aqui pude concluir serenamente da inutilidade efectiva de tal acontecimento. Tinha sido um monólogo, de início e gradualmente se tornou solilóquio, como se eu tivesse alguma coisa que ouvir as minhas próprias palavras. Como se algo de novo fosse necessário dizer a mim mesmo.
E eu sei perfeitamente que tu vens. Sei que vens porque alguém responderia a esta minha espera. Uma espera fria e absoluta. Para dar-te este não sei quê que tenho. Para dar-te.

carta falada, a garcês

1

- ...Era. Mas a poesia, desde então, despiu-se e o frio dela, independentemente de contrariar o choro, tirou-lhe as lágrimas. Secou-as. E agora já nem vale a pena falar nisso. É um caso banal de desaparecimento, anonimato e amnésia. Os poemas doridos até podem escrever-se em papel dos rolos.

2

- Quanto ao livro, já nem sei. Será de deixá-lo ficar por escrever. Sabes o que significa? A minha caligrafia ficou ilegível. Esfriou-se e treme. Deixa lá. Isto pode muito bem ser o preço da felicidade. É melhor acreditar-se nisso. É um dos poucos direitos de opção que nos assistem: acreditar-se nisso. O outro é escrever, ainda que só um dia, um dia qualquer, seja leitura.

3

- Está ali dentro uma telefonia. Claro, uma telefonia já não acompanha ninguém. Hoje-em-dia. Por exemplo, começava agora a ouvir o St. Louis Blues. Gosto. O interlocutor - imbecil! - pôs-se a cacarejar. Por outro lado, afinal, os blues fazem-me mal. É melhor pensar noutra coisa.

4

- Desato a beijar o espaço com os olhos. E vale a pena. Afinal, mesmo que não seja comprável, a felicidade existe. Sei que existe. Porque existo. Porque existimos. Mas adivinho tristeza nos teus olhos, agora. Sinto uma infinita mágoa angustiar-te e muita sede. E verifico desagradavelmente que o álcool só iria prejudicar-nos. Só o álcool podia estimular-me. Ainda que, quimicamente puro, fosse um estímulo portanto sintético. Um sintético para a minha sensibilidade!

5/6

- A **esfera**, por outro lado, é demais. O cubo insuficiente. A geometria talvez me ajudasse a esquecer o presente. A dor. Esta dor finíssima. Muito aguçada. Esta dor de me sentir contigo.

É por isso que penso na geometria. Mas acaba por chatear. A geometria. É como se eu me pusesse a girar interior e exteriormente, por onde fosse mais distante, ao longo de uma sinusóide que terminasse em espiral, no sentido que diverge da origem, e me projectasse descontroladamente no infinito.

No infinito está mais frio ainda. Um frio parecido ao mesmo tempo com o interior de um iceberg exposto ao luar.

Não. Isso faz-me lembrar rosas mortas a secar à sombra da cruz de uma sepultura longínqua. Não. Quero fugir do infinito para encontrar-te na suavidade das tuas mãos!

7

– Quando acabarão as noites? Sim. Estas noites a correr pelo tempo. Estas noites de imaginar inutilidades e desatar a escrever coisas que não são de ler nem de ouvir?

Já viste um tigre enjaulado. Claro está que um tigre, ainda assim, é um ser elementarmente muito mais bem acabado do que eu. Mas, por exemplo, se o tigre cai numa armadilha e o transportam para uma jaula. E se põem uma quantidade de pessoas a olhar para ele, em volta da jaula? O que apetecerá ao tigre, em relação às pessoas? Como passará o tigre as primeiras noites, antes de habituar-se?

Jardim zoológico. Um jardim zoológico é como os cafés.

Para os cafés, não. As feras são domesticáveis. Coacção mental. Dentro do coração fica-lhes porém "the jungle", a liberdade, o amor, as coisas boas, as coisas más. As coisas assim assim.

Na selva, a gente ao menos pode esconder-se numa toca ou entre os arbustos e os farejadores não são capazes de atacar.

8

– E no meio disto tudo, sendo a vida tão curta, não seria mais inteligente evitarmos arranhar-nos uns aos outros e obrigarmos os outros a arranharem-se por dentro, dando-lhes amor?

A guerra psicológica, a promoção das depressões, o sadismo de fora para dentro atingiam-me. Mulheres dai-me um sonho até ao fim!

liturgia em tempos-livres

- Vê! Vê com esses teus olhos felinos de imaginar roubos, assaltos, latrocínios e sangue, a violência das guerras-ao-vivo e de ficção. Escuta o jogo da vida e acredita nas alegrias dos outros como a minha. E vê a minha angústia a doer. Como os galhos das árvores, ressequidos de frio, a arranharam-me todo por dentro. A pena que tenho da falta de folgas e descanso de férias e feriados profanos de todas as profissões.
- Claro que acabarias por confundir a menina da janela com um leitão ou um javali, um coelho, ou um pipi. E se fosses padre-confessor ou mosca vadia e pudesses entre as duas escolher, terias fala e tentarias ajudar a natureza e provar-lhe que o gosto da perversão é indubitavelmente muito mais tentador.
- Falou-lhe o sacerdote (como tu se não estivesses em hora de serviço) numa linguagem técnica, de poema falsificado. Porque seria prostitui-la pagar-lhe em dinheiro. Ainda por cima. A rapariga poderia ouvir em disco essas verdades todas misturadas com ruídos de cidade e música e sem a presença de outra visão mais nenhuma que não fosse a solidão, completamente bela, do corpo nu, todo metido num reflexo quente, despejado nos olhos, devolvido pelo espelho inocente do seu quarto de solteira.
- O padre-filho, o frade de folga, deu-lhe folguedos. Em vez de castas penitências, maldosas, transmitiu-lhe o amor divino. Benzeu-a com o travo cáustico da realidade. Conferiu-lhe a benção numa permissão imediata de aceder ao uso celestial do prazer. Um prazer sem frutos, cautelosamente preservado. Um prazer desconhecido dela ainda. Um prazer duplo, triplo, rápido e possante, *para viver depressa e esquecer depois*.
- Imagina só! A música. O stereo das colunas a exilar-se noutra melodia, desfasado pelo ritmo das molas habitadas do banco

posterior da viatura. Os padres têm viaturas. Dentes também. E garras e palavras brandas e erecção.

- E este séc. XX à volta, com mini-saias e lábios carnudos. Por cima e por baixo. Não sejam desmancha-prazeres, vocês e tu embasbacado, sem resposta, lá por te perderes a discutir o Futebol que os outros jogam. Não foi sorte nem a arbitragem estava distraída, quando temeste o estudo, foste expulso do seminário, ou nunca lá entraste.
- Sabes? A inveja é que é - em boa-verdade - um pecado mortal. E a batota. A negligência, a falta de vontade e a preguiça!
- Ah! Com a falta de empregos e a falta de padres que anda por aí, preferiste uma segurança laica e desordenada. Andaste a passear há uns quantos verões vestidos, de mãos dadas, com a mesmíssima pequena. Foste para Coimbra e por lá andaste a marrar tão mal que os lentes te puseram na alheta em dois tempos! Afinal - que queres? Agora - sempre chegaste a técnico principal administrativo na tua repartição pública!
- Bem vistas as coisas, só culpas o padre porque a filha pode ser tua. Em vídeo, a cena até não estava mal, enquanto a tua mulher (que pode ser mais casta do que tu) põe a secar as tuas cuecas ...e tu ficas no sindicato(?) a ver filmes no sofá com a jovem mãe daquele jovem seminarista de Órgens que sonhou com o restauro do convento.
- Mas que mania, essa! Não és tu, lá no sindicato(?) quem acha que os tempos livres dos trabalhadores são sagrados?
- E os padres? Não podem fazer o bem bem feito, nas horas de folga? Não queres concorrer para o bem de toda a classe operária? Em que é um padre, na óptica sindical, diferente de um polícia, ou de um médico, ou de ti?
- Deixem mas é lá as pessoas pôr-se umas nas outras e não misturem alhos com baralhos, seus batoteiros!

declaração de falência ao amor

I

– É. É isso. Nos sítios onde obviamente nunca estás. Nos sítios que não são do ti. Nas pessoas que não são tu.

Porque se não fosse assim, Ter-te-ia encontrado há muito. Inevitavelmente. E o caso é simples. Simples. É tão simples que se transformou em caso, às vezes sem poder ultrapassar a circunstância mera de uma abstracção.

Como, por exemplo, escuta com atenção, vou ser mais prosaico, ainda:

- este facto *meramente accidental* de poderes ser tu. De facto. E de um factor acidentalmente ignorado impedir ou proibir qualquer esclarecimento entre nós.
- Um esclarecimento virtualmente necessário.
- Um esclarecimento impossível – Eras tu? Não eras tu?

II

– A gente passa sempre, afinal, os anos bons da vida dos outros a sofrer a náusea das contingências. Na tentativa absurda de satisfazer um desejo qualquer. Um desejo elementar. Um desejo de desejar. Como quem esteja à beira de um abismo a colher flores roubadas. E tenha, suspenso sobre a cabeça, um castelo de mouros trazido pelo tempo, cheio de luzes póstumas e sintéticas, a espectacularizar a nossa própria solidão e a fazer-nos despedir ocasionalmente de um conhecido que parta amanhã, para uma missão em Londres.

Pois. É isso. É esta tendência anormalíssima, *para nos despedirmos dos que partem, com mais vontade de ir com eles do que a de que fiquem connosco.*

- Espero, olhando-te imagem-tão-sòmente. Amante. As noites são agora uma infatigável fonte de fadiga. Pois. De fadiga. Aquela, por exemplo, de ser olhado curiosamente. Olhado como um rosto suposto de olhos secos, sob a testa, ávido de perguntas. Sim.
- Repare-se como elas gostam de responder a olhares secos, quanto mais magras são.

- No tempo húmido que faz, aqui em Sintra, a *secura* é a *seule-chance*, vai por mim, acredita: ninguém vai olhar para ninguém, com um olhar húmido, como o teu.
- Um olhar assim: Suave, profundo e verdadeiramente longínquo, ao pé de ti!

III

- Que fazes? Pareceu-me que ias entrar em diálogo comigo. De vez em quando és muito bem capaz de pensar nisso. Primeiro, é pensar-angústia, é dor de ausência. E Saudade, depois. E hábito. Isso! Hábito a seguir. Uma obrigação mental de pensares em mim. E um perguntas-te todos os dias porquê. E à noite. Sobretudo à noite, que é quando a gente está a começar a sentir o cansaço de ter pensado um dia inteiro em coisas absolutamente necessárias. À noite, pensas em mim. Porque, ao menos a noite, é íntima. Só nossa. Nem sequer precisas fingir. No escuro, fingir é um teatro perdido, inteiramente desnecessário. Até o amanhecer.

IV

- E, ao passar junto a ti é como se soubesse que não podes ignorar-me nunca. Espero, e porisso amo-te, ao adormecer muito desacompanhadamente e duro mas sem lágrimas nos olhos. E sou capaz de estar sem escrever dias a fio. E de ter insónias à noite, rigorosamente improdutivas. Insónias cheias de dor de cabeça ou de alguma vontade de ler os livros que os meus amigos já publicaram, para poder, com eles, sentir-me muito menos desacompanhado.

V

- Depois, sabes, lá fora, a solidão é mais completa. Há muita gente, compreendes? Uma data de gente que se não pode referenciar. Porque se abafa na noite. Nos sítios, por outro lado, aparentemente mais sossegados, ainda é pior...
Mas não continues a viver só, comigo, meu Amor!
- Famosos, são os heróis todos que teimam em querer ser descobertos, no marasmo de quaisquer quotidianos mais ou menos históricos, e todos os dias apontam para si próprios com os dois indicadores deles, enquanto juntam, à exibição da sua futilidade, o desejo alucinado e infernal que têm de, progressivamente, passarem melhor o tempo. Sem pensar. Sem fazer nada, nos intervalos dos jogos de

futebol que vêm ou não vêm mas, em qualquer dos casos, não sabem jogar. Eu luto contra esses fantasmas autoinventados a dormir (vejam bem!), como se acreditasse que lhes valia a pena ser doutra maneira. Quando a vida me revela tudo isso voltado às avessas! Deixem lá (si-dó). Ao-fim-e-ao-cabo, é preciso acreditar-se em qualquer coisa, quanto mais não seja, no direito que algumas seitas religiosas conservam, de assassinar as rosas brancas, as libélulas, as andorinhas, os poetas e os jasmims.

que saibas

- Ir a uma praia, à noite, sozinho, é ainda assim, uma maneira subtil de estar contigo.

Estar contigo é ler as estrelas perpassando o nevoeiro. É imaginar. Ter de imaginar tudo.

Belo é o próprio mar pressentido numa distância inaparentemente sujeita ao vento e às marés. E conseguir estar sozinho, mergulhado numa saudade cada vez mais confusa. E nebulosa. E inimaginavelmente fria.

Acender um fósforo para olhar-te o rosto, de resto, é ainda por cima, ao mesmo tempo, uma ilusão magnífica, uma tristeza tremendamente absurda e uma puerilidade. Porque é tudo areia e uma estrada atrás. Uma estrada só. Uma estrada de desapareceres e de ficar-se lá sem saber ao certo porquê. E sem interesse nenhum de investigar isso.

Ir a uma praia à noite. Sozinho. E levar-te comigo sem ordem de ninguém. Desautorizadamente ficar ali, só por essa persuasão e por mais nada.

despedimento^{xvi}

- E tu, vá! Retoma nas mãos o livro de insónias. Mistura à leitura fingida as preocupações do quotidiano. E faz de conta que o passado é uma coisa. Sem importância nenhuma.
Não te lumbres da *velha casa à beira da linha do comboio*. Não faz mal. Demais a mais, é uma casa que já não pertence a ninguém.
Por isso, pode deixar-se o candeeiro continuar a queimar a torcida. De resto também não há mais flores secas e perderam-se algumas das pedras de fazer companhia à solidão voluntária das pessoas – as principais.
- Esquece-te igualmente do único caminho porque se comunicava com o *oitavo continente*, unicamente como se não se tratasse de mais que um mapa velho que se debruçou demais à varanda e caiu. Para a escuridão da noite. Os mapas velhos, são como as crianças. Deixam de interessar mais *desde que caíam das varandas*.
- Mas não te despeças sorrindo, no limiar emocional das fronteiras sentimentais. Guarda o silêncio devido às estradas em que passeiam, à tarde, as pessoas doentes. Elas podem esquecer-se do cuco daquela madrugada, que já deve ter morrido a diluir-se, nuvem, ao hálito dos sonhos. Mas tu, que guardas, no cerne tanto de poesia, e podes registar todas as lembranças, uma a uma, guardadas nos abismos do tempo, não to recuses nunca. E acredita que *não pode ficar em vão ter-se dado a volta ao mundo*. Numa **bola** de sabão.

dizer-te amor ainda^{xvii}

- Quase desespero. Esse. A dares-te aos poucos. Numa insistência calma. Aparentemente calma.

Ao longe bramam as chuvas interiores. E eu sonho-te os cabelos curtos. Hirtos e molhados. E húmidos. Muito húmidos. Os teus cabelos todos. E arrastadamente desenho-te nas costas com os dedos mais uma palavra. E atentamente o teu sorriso, distraído e aparente, canta um hino doce. Muito doce.

E eu dedilho ainda na arpa do teu ventre um último soluço. Para tactear-te toda. De uma vez.

(A um gemido atento arranho-me no arame farpado fraticida impune que usas de grinalda. E o teu riso gargalhado de veres alvura no meu sangue. E os teus dentes fatigados de trincar-me. E as tuas unhas quebradas no meu dorso. Tudo se queda e arfa em seguida e dura e dura e dura ainda.)

- Olha. Às vezes a gente cansa-se por nada. E entoa lágrimas e vende-se de súbito. E escorrega de mansinho como se a própria verdade se satisfizesse. Assim.

Mas quando é tudo tempestade à volta. Quando atidos só a nós e frios já, de esperas sobre esperas, tombamos ao brilho de uma estrela qualquer. Quando, em sombras confundidos, sofremos tudo para dentro de outro mundo.

Oh! o sem fim nem nexo de palavras sincopadas e relâmpagos, deixados à invenção ardente de outros ritmos!

Ah o saber-se que a vida vai perder-se, escoada, toda, ali... É como se todo o universo inteiro, às nossas ordens, fizesse um grande arco íris à roda de um mosteiro.

A metafísica pode sublimar as coisas. Complica-as de certeza.

Mas, mesmo sem nomes antigos e sem construções latinas complicadas, mais, ainda. Sem especulações geométricas e sem emblemas de partidos ultrapassados e sem fotografias e sem luz. Sem nada mais que tu.

Eu sei fazer-te o sol a derreter-se em fluidos e sei fazer-te vibrar de música por dentro, até explodirmos por engano... Quase propositadamente. No vácuo silencioso e cúmplice da vida à nossa volta.

promessa de mão^{xviii}

- Tu sabes lá! O que eu sinto e sem nome e tão longe do que é possível definir-se com palavras. Com quaisquer palavras. As mais belas e suaves e que te dissessem qualquer coisa que tu não pudesses sentir sozinha, só a olhar para mim. O que eu quero dar-te! Tudo! O tudo que quero dar-te qualquer homem quererá - e quase nunca, tem para - dar.

E tu sabes até isso. Constatas pura e simplesmente o que tenho tudo-pouco que te dei porque aquilo que terei é teu também. E que isto é já em si apenas um desejo de querer dizer-to, um jeito de meter tudo de uma vez dentro. Das palavras.

O *dinheiro é deus* e está cada vez mais caro. Uma espécie de desânimo, muito momentoso e acerado espeta-me, a rigor, a força de lutar e sangra pouco. Sabes, é, isso que me preocupa e, neste momento este *sítio ganha-pão* tem muito silêncio à volta e sabe a pouco, porque não me sendo nada presente do que podia fazer, estou a pensar em ti e não pode ser apenas em que és linda e eu te amo, porque isso já sabes perfeitamente e sei-o eu, também.

Estou a pensar nas coisas imediatamente práticas que a vida opõe à felicidade e na minha própria indecisão de acaso que é fruto destas paredes furadas de janelas, desta gente inútil e do sol e da sede e muito principalmente das dimensões estreitas do que é possível resolver já, assim, do pé para a mão.

Há tantos recursos fáceis! Mas como queres que me aventure ao tímido fracasso de montar um quixotesco rocinante, faminto e sedento, para ir colher *frutos semeados noutros sítios*, de outro tempo? Dá-me a tua vida! E eu descubro. Tenho de descobrir. Por que possa amar-te. Lúcido. Até o Fim.

vão amar-se para longe

- A mim, acho que me abandonaram todas. Deixaram-me. A pouco e pouco.
Ou duma vez só. Como quem castiga. *Sobretudo é chato, isto de um tipo se arrastar vivo e acordado por entre as sombras da noite, mergulhado no pavor das insónias, bêbado de angústia. E com vontade de meter um frasco de clorofórmio pelo nariz.*
Ou de abrir um buraco na cabeça. Ou. Quanto a isso de gostar, de amar propriamente, aconteceu-me também. Digamos: um episódio. Como outro qualquer. Um episódio: ou um digamos.
- É por isso que desejo mil felicidades a vocês. Pois. Vão todos ser felizes, durante o tempo necessário - e possível - mas longe. Vão amar-se para longe de mim. Vão fazer amor avulso. Misturem nisso umas tantas palavras grosseiras com sabor a melão. Visto ao longe dão o mesmo efeito de sorrisos. Sem significado. Tornam-se perfeitamente suportáveis. E ninguém tem nada com isso.
- Por conseguinte, aconteça o que acontecer, considerem-me oficialmente arrependido de estar vivo e de continuar a gostar de flores e dos filhos dos outros. São pecados que, pouco ou nada, ofendem a intimidade de cada um.
E acaba sempre sobejando um pouco de tortura pessoal. Para autossatisfação dos masoquistas. Dos tipos que consagram à fruição amarga da saudade horas a fio. Daqueles que entendem por bem elevar a existência a sorver ar acidulado com pétalas de *flores mortas* e restos de passado. De passado inventado. Dos outros.
- Isto de a gente dar-se o luxo de injuriar *um tribunal pacífico de anjos e almas do outro mundo*, é afinal burlesco e pouco raro. Mas o que custa é que *eles* nos neguem a derradeira faculdade humana de recurso: o sofrimento - ou seja, o culto egoísta da dor própria, zelosamente

cofreada à beira dum abismo, para destruir-se antes que alguém o toque e tente o sonho de arrombá-lo.

- À abordagem! À abordagem, piratas! Hoje é madrugada de desventrar navios do espaço e afundar caixotes de dinamite. E de deitar foguetes nas festas dos outros. E de fazer bólinhas de sabão e anéis de fumo.
- À abordagem. Ninguém deve olhar para trás. Só nós é que podemos. Sejamos - por uma vez que seja! - proprietários exclusivos da fome de amar e das lágrimas entre dentes com gemidos murmurados pela janela entreaberta da solidão: uma maldita janela suja!
- À abordagem! Pois que seja. Devemos desejar a todos, em cada dia que passa, um *bom fim de semestre*.

opção: divórcio, já

- Corrida atrás do tempo. Um homem por mais que lute. O significado da palavra-obrigação. O riso e o optimismo à custa de uma angústia secreta. Qualquer. A busca de uma linguagem exclusiva. Com significado persuasório-autêntico, idêntico a: personalidade. Estabelecer uma diferença entre o esperar só e o esperar acompanhado. E estar só. Ter os bolsos vazios e a cabeça cheia de boa vontade e esperança! Quantas horas podem passar-se à espera, todos os dias, além de 24? Só *sendo-se outrem* é possível responder direito.
- Olha só: quanto tempo demora um homem a correr atrás do tempo? Se, afinal, ainda por cima de tudo o mais, as pessoas recebem inevitavelmente conselhos! e têm a particularidade muito específica de tender para o isolamento?
O querer agir de uma forma estruturalmente diferente de qualquer acção prática, já viram? É uma atitude típica de quem não pode. E quem não pode não age.
A verdadeira acção, activa mesmo! não envolve qualquer opção transcendental. *Basta não saber o que fazer, para ser obrigatória uma decisão.* Se resultar, resulta. Caso contrário, não passa de uma atitude, cristaliza, adormece e, em seguida, enterra-se o projecto e morre. Mais uma intenção
- E as crianças? Pensar nas crianças em momento de crise é absurdo. Ninguém é sádico ao ponto de envolver nisso as crianças. Torna-se mais prático e salutar pensar já, nos objectivos e partir do princípio da sua dependência, para chorar-se depois devagar, conjuntamente num futuro apropriado, a tristeza de ter-lhes provocado o nascimento.
Vem aí o momento. Venham todos ver! Está a chegar!
Ninguém fica sozinho, à espera dum momento.

DIÁLOGOS

diálogo sobre o mutismo^{xix}

- Não. Não dizia nada. Quase nada. As palavras, todas as que ele disse era como se já tivessem sido expressamente-ditas. Contadas, as palavras. Através daquele silêncio parado dele. Inteligente. Espontâneo, na defesa. Calmo. Civilizado.
- Mas, no meio de todas, diz-me, que palavra te impressionou tanto para ofender assim o teu orgulho, a tua sensibilidade? Foi uma palavra doce, mordida por um sorriso? Ou tratou-se apenas dum melindre, uma palavra solta, gemida por entre um arroteo, um espirro, ou um soluço?
- Nenhuma. Não foi palavra nenhuma. Eram todas iguais, substantivamente iguais, no que dizia, nada! As palavras. As palavras eram dele. Como se estivessem propositadamente por assinar, com um valor possivelmente diferente, mas só para ele as poder decifrar. Eram, como direi? Palavras anónimas. Umas menos secas que outras. Mas anónimas todas elas e, vê lá tu, ainda por cima, dirigidas a mim.
- Achas que era só isso que ele te queria dizer? Tens a certeza?
- Tenho. As palavras eram-me dirigidas. A mim. Sem sombra de dúvida. As palavras e o mutismo. Um mutismo insólito e inóspito. Como se não tivesse sido iniciativa dele aquela conversa. Voluntariamente rígido, ao ponto de fazer-se notar como uma ameaça anunciada em cada curva do silêncio. Sabes? Olha para mim! Era um mutismo preconcebido para disparar ao meio dia, programado para buscar-me e seguir os meus passos. Para suscitar dúvidas sobre a minha carência auditiva e perseguir-me toda a noite, até poder desabafar.
- Ah! Começo agora a entender-te. O homem falava baixo e custou-te perceber o que ele dizia! Já pensaste que pode nem ter passado, um instante só, pela cabeça da criatura, a ideia de provocar-te uma reacção tamanha?
- Não. Senti-me logo agredido pelo mutismo dele, fui empurrado pelo som pesado e lento das palavras que ele devia estar a inventar a custo, como se fossem um fardo. Foi isso: como se fosse um fardo. Ou como se estivesse a empurrar um empregado de mercearia, como

a expulsá-lo para o calor incrível duma tarde de verão. Posto na rua por beber água fora de horas. Quando os fregueses chegam com cestos de vime e listas de encomendas...

- Ah! Ele descobriu-te. Falaste durante tanto tempo e tão alto, que ele acabou por ir compreendendo tudo à medida que o punhas ao corrente da situação e nem sequer te passou pela cabeça que te esqueceste de fazer-lhe uma só das três perguntas a que tencionavas obter resposta...

parábola dos vasos comunicantes

- Aí perguntei-lhe a onde. Nem a minha ignorância nem o desconhecimento dele, nada, compreendes, me convencia de não podermos descobrir isso.
- Sim. Está tudo muito certo mas quem é que o impedia?
- As horas. As horas que tínhamos passado juntos e acabariam por nivelar a nossa sabedoria das coisas, dos factos, dos acontecimentos, da capacidade de fornecermos notícias ou informações um ao outro durante esse período, sobre o que se tinha passado durante esse período.
- Mas a memória? concerteza que as vossas atenções incidiriam sobre aspectos diferentes das mesmas coisas, dos mesmos factos, dos mesmos acontecimentos, não?
- Não. Tinham-nos viciado, ou contraído o hábito comum de analisar tudo com base num esquema demasiado idêntico. Por isso nenhum de nós, na prática, conhecia melhor qualquer aparência que o outro. Além disso, repara, essas horas funcionaram como vasos comunicantes. A imoderação de um adicionou-se ao metodismo do outro... foi como se, subitamente, passássemos a tomar-nos ordenadores complementarizados coordenados por fundamentos e finalidades comuns, entendes?
- E chegaste a saber a onde, tu?
- Não. Ainda não.
- Porquê?
- Por isso. Compreendes? Duas pessoas acabam sempre por ter problemas, por descobrir que tem problemas íntimos, uma série de espécies de segredos incomunicáveis. Essa impossibilidade de comparticipação é que gerou a impossibilidade de saber a onde.
- Segredos? Escuta. Que interesse pode alguém cultivar pelos segredos? Achas que isso pode conduzir a alguma coisa que não seja precisamente o desentendimento entre as pessoas?
- Ora! Tu sabes que não se trata propriamente de segredos nessa acepção mas apenas de espécies de segredos, ocultações ou impossibilidades de comunicação ou participação nada intencionais. Os homens sofrem dessa inexorável deficiência congénita. A dado

instante, por mais intenso que seja o convívio, concluem que se não deram o mais importante de si próprios e isso é tão involuntário que chega a angustiá-los.

- Porquê?
- Ora! Porque...

os lobos da floresta^{xx}

- SIGFRIED - Há lobos no pinhal.
- BERGER - O guarda da floresta é intratável...
- SIGFRIED - Adivinha os pensamentos das pessoas!
- BERGER - Só se o velho emprestasse os cães dele, que são de raça... Dizíamos à Fanette!
- SIGFRIED - As mulheres são riscos que se cruzam por esses caminhos que vão por aí, mundo em fora. Põem e deixam marcas na vida. Detêm as rédeas dos governos. Comandam os exércitos. Inspiram os artistas. Ajudam os sacerdotes. Intrigam os diplomatas...
- BERGER - E os cães...
- SIGFRIED - Claro, que os cães, Berger! Tu vais à "Villa". O velho Christian tem uma cadeira de baloiço. Passa lá horas a fio. A Fanette está na cozinha.
- BERGER - Sim. Eu sei. Está na cozinha, é a vida dela...
- SIGFRIED - Berger! Tu dizes um piropo à Fanette.
- BERGER - Eu digo sempre porque as mulheres gostam que as lisonjeiem um bocadinho!
- SIGFRIED - Pois vais então dizer-lhe que os olhos dela são como a estrela da manhã no azul frio da madrugada, antes de o *carro da aurora puxar as luzes do arrebol...*
- BERGER - E ela pede logo os cães ao velho. Se o velho não emprestar os cães, vai ela e chora.
- SIGFRIED - Vês como tu sabes, Berger? As mulheres são feias quando choram. O velho gosta de ver a Fanette bonita ...e empresta os cães!
- BERGER - E o guarda?
- SIGFRIED - Importa bem o guarda! Em vendo os cães do velho Cristina, segue o caminho contigo e não fará perguntas. Há até quem diga que o homem adivinha os pensamentos das pessoas!
- BERGER - Boa ideia. Irei tranquilo. Pensarei apenas no favor da Fanette. (escureceu, súpeto, um trovão, as aves deixaram de trinar) Chove, Sigfried! O velho gostará da chuva?

- SIGFRIED - Uhm!... deve... por ti acho bom que goste, acho até que deve gostar muito. Como passa a vida em casa, sempre em casa (pensativo: *com o maugénio amarrado àquela cadeira*) vai ficar divertido com a humidade gotejante nas janelas e o som ritmado das bâtegas no telhado, com a música do vento brando e da chuva nas folhagens e o cantarolar da água deslizando pelas caleiras... (vendo o Berger indeciso) Então, perdeste a pressa? Vamos, ou ficas, Berger ?
- BERGER - Não sei... Começo a pensar se a Fanette vai ouvir-me e escutar o meu pedido...
- SIGFRIED - Então ela não ia atender à súplica de um homem pleno de juventude, viril, com o aspecto de quem vence o medo, como tu, em cujo olhar clareie uma certeza segura e meiga igual à das tuas palavras brandas!?
- BERGER - Se não conseguir os cães do velho, vou sozinho.
- SIGFRIED - E o guarda? Não será que ele adivinha mesmo os pensamentos das pessoas?!
- BERGER - Pois é. Há quem diga, como os deuses da floresta.
- SIGFRIED - Já o vi falar com eles à noite. E assiste às festas das walkirias!
- BERGER - (atemorizado) Acreditas nisso, Sigfried?
- SIGFRIED - Estás a ver... essa parte, eu não sei. Mas se ele adivinha os pensamentos das pessoas! Tem artes de Barzabum, sorrir é difícil, mas além de gostar do velho, tu sabes, respeita a companhia daqueles cães como se fossem da família dele!
- BERGER - E agora... se a chuva pára? O velho pode irritar-se com o fim da distracção. Vai ser mais difícil, ou não? Que te parece?
- SIGFRIED - Só vais precisar de mais apoio da Fanette, Berger! Afinal, meu rapaz, que é feito da tua coragem? Não me digas que a perdeste, se ainda nem parou de chover! Lembra-te só de que já não és uma criança. Tens muito bom parecer e encantarás a Fanette. Vai bem seguro de ti! Mete isso na cabeça
- E dizes à Fanette: *que os lobos, em alcateia, irão ao teu redil; rasgam as carnes tenras dos inocentes cordeirinhos, as mães ficam tristes e deixarão de comer. Quando se fala nas mães, as mulheres comovem-se.*

- BERGER - Diz-se que a Fanette gostava muito da mãe dela. Vai pô-lhe flores na campa!
- SIGFRIED - Está certo! Quando falares em cordeirinhos mortos, os olhos dela vão brilhar mais. É ela a comover-se e a lembrar-se da passagem das cruzadas. Estás a ouvir-me, Berger? A Fanette vai dar-te mais atenção ainda, porque as mulheres sabem quanto nós, homens, apreciamos a sua puerilidade. Vai-se pôr logo a comparar os teus cordeiros a bebés morrendo à fome e comidos pelo papão. Assim mesmo. Tudo ao mesmo tempo. Como gostam de sentir-se e parecer-nos maternais, tocadas pela infelicidade, caritativas e benévolas, a Fanette sentir-se-á no dever de ir falar por ti ao velho.
- BERGER - Vai dizer ao velho! (incrédulo)... mas, se não for? Ele irá mesmo?
- SIGFRIED - Ela irá mesmo! Vai, criaturinha! Onde é que está a dúvida?
- Ela te amará por protegeres os infelizes! O amor gera-se repentinamente na imaginação de todas as mulheres, quando a emoção vence a fraqueza e aquela espécie de falta de raciocínio que elas têm. É assim mesmo!
- BERGER - Mas é tudo pretexto, porque o rebanho á o meu negócio! É só um argumento, uma invenção!
- SIGFRIED - Berger! Deixa-te mas é de fitas. Se queres que te ajude, não entras em diálogo. Não sejas insensato! Que diferença te faz a ti o que ela possa vir a pensar, se tudo o que precisas para venceres é de insinuares-te no espirito dela com toda a ternura, a paixão e o amor possível?
- BERGER - Mas se eu não a amo! Quero dizer, não sei. Mal a conheço. Vejo-a só de longe... então mentir não vai ser pecado?
- SIGFRIED - (num arremedo)... não vai ser pecado?... Pobre Berger! Agora dás em ver pecado em tudo!
- Repara bem no que te digo: *para fazer um eco nas montanhas, é preciso fazer-se um som forte, uma palavra em voz alta*. Os vales repetem-na, sem saber se a palavra é um cântico ou um grito!
- BERGER - E achas que *a Fanette é um eco, ou uma palavra?*

SIGFRIED - O que ela vai ser mesmo é o eco das tua palavras. E o velho empresta os cães!

BERGER - (emudece, pensa e hesita)

SIGFRIED - Então, Berger! Não fiques indeciso, Tu não podes ficar para aí parado, a olhar para dentro!
Afinal, que é que resolves? Vais, ou ficas para aí com o gado, a perder o que é teu?

BERGER - (pouco convicto) Está bem, eu vou!

SIGFRIED - Ena! Berger! Faz-te amar por ela e ainda acabas por ficar com os cães para sempre. Anima-te! Agora é que vais precisar de coragem. Ouviste?
(Berger afasta-se na direcção da "Villa" do velho Christian)

SIGFRIED - (para si) Está certo! Coitado do rapaz. Sabe-se lá o que acontece se o guarda da floresta está por perto e, ainda por cima, pára de chover!...

conjura | modelo único

[...]

ESPIÃO

Vamos lá a acabar com o jogo. Agora, ficas aqui à espera, muito quietinho, como um menino bonito, até o Chefe chegar.

REFÉM

Chefe! Mas...que chefe? Qual Chefe? Quem é o Chefe? Chefe de quê? *(este tipo terá endoidecido de repente?...ou, então, alto lá!)* Você não está a querer convencer-me de que, uma pessoa em quem eu depositava tanta confiança acaba, afinal, por trair-me desta maneira incrível, deste modo aviltante. Trair-me, logo a mim, senador, que pôs a sua vida ao serviço do povo. Não é possível. Onde estão os meus servos? Que é feito da minha guarda?

ESPIÃO

Os milionários vão ter finalmente o fim que merecem. Tu vais a ser o primeiro, é tudo. És o exemplo que tanto esperávamos. Foste escolhido na perfeição pela Comissão democrática dos Chefes! Tu não percebes o que são Chefes porque eu já percebi os tipos lá da vossa laia, muito finos e bem educados mas no fundo o que vocês são é uns mandões de uns milionários de uma figa que põem os outros a trabalhar para eles como se fossem mulas e no fim, é o que se vê, não passam de senadores sem importância nenhuma. Olha só para ti!

REFÉM

Milionários? Mas eu não sou milionário nenhum! Sou um pobre senador que lutou a vida inteira por vocês todos...

ESPIÃO

Por nós, quem? Por mim não foi de certeza porque eu sempre cheguei ao meu trabalho antes de te trazerem de cu tremido nos carros do Estado. E nós à pata. E metidos em gaiolas com rodas, uns em cima dos outros, pois é! Aqui o senador diz que lutou por nós, quem? E quem ajudou os outros a sugarem o nosso suor, a nossa juventude, quem é que transformou em ouro o nosso sangue? O que vens tu a ser se não és milionário, pois então! Um belo exemplar, por sinal, é o que tu és! Os ficheiros revolucionários estão certos. Fique sabendo, senhor senador do antigamente. Você não é. E não sabe. Já foi. Espera e verás.

REFÉM

Mas como pode você ter-me iludido assim! Até um ponto destes? Espere lá! Mas então você tem obrigação de saber que eu não sou milionário! Como meu secretário particular, deve estar ao corrente da minha situação financeira, é claro. Olhe cá!

ESPIÃO

Olhe cá, o quê? Livra-te de denunciáres isso só que seja ao Chefe, quando ele vier! De resto também o Delegado do Povo vai estar também presente à entrega quando te apresentar e, pelo menos esse! acreditará em mim apenas. E qualquer ameaça, à falsa fé, que metas no teu palavreado contra mim, pago-ta logo em dobrado, para que saibas no que estás metido e perceberes quem te lá meteu. Ficamos entendidos

REFÉM

Mas o que é isto? Eu não posso realizar lucidamente que isto esteja a acontecer! Então, ainda por cima, você traz-me para aqui a sua cadeira ata-me a ela e senta-se na minha poltrona. Desliza na minha alcatifa como se fosse um capacho qualquer ...mas isto afinal é o cenário dum sequestro a sério! E eu não tenho dinheiro para pagar qualquer resgate a pronto, ó jovem. Você sabe disso perfeitamente.

ESPIÃO

Para teu governo, Senador, fica sabendo que terás que andar muito direitinho, pois nada se lucra em complicar as coisas...

(campainha da porta)

ESPIÃO

Devem ser eles! E agora trata de não te esqueceres do que combinámos, caso contrário, levas logo que contar e podes ficar com o troco!

REFEM (à parte)

Enfim, os homens da segurança que me livram deste patife!

(Espião vai abrir, senhor de si e volta com dois cavalheiros muito bem disfarçados)

ESPIÃO

É este o senador que ia indo a ministro!

REFEM

Ia indo a Ministro? Esta agora... ESPIÃO (baixo)

Cale-se! (depois, em voz alta) o pessoal que trabalhava para ele está numa das luxuosas vivendas dele, à espera que regresse do estrangeiro, nunca antes da semana que vem. Ah! É verdade. Ele partiu hoje para o Bósforo, no avião da manhã.

REFEM

Que palhaçada esta?

DELEGADO DO POVO

Ouve...e cala-te!

(a voz foi cortante; o senador ficou transido)

DELEGADO DO POVO *(ao Chefe Revolucionário)*

Visto isso, este já se encontra em condições de espremer e banir!

Talvez fosse aconselhável telefonar para abaterem o avião em que ele está a viajar...

CHEFE REVOLUCIONÁRIO

Veremos o que interessará mais à revolução. Ainda assim, este não era dos senadores que se vendiam mais caro e pode muito bem interessar-nos, é ou não verdade? Ainda assim, já tem prática de senador e sempre poderia fazer (continuar a) o mesmo trabalho, se não aumentasse muito o preço depois da vitória da revolução!

DELEGADO DO POVO

É cedo para decidir-se. De momento, já que o temos aqui, o melhor será que você lhe trate do interrogatório, para saber-se imediatamente como havemos de utilizar-lhe os fundos pessoais. Enfim, conhecer o tamanho e a extensão da família dele, verificar se é preciso matar todos, etc. Eu tenho mais que fazer e preciso dum espião destes mais treinados para dar um sumiço rápido ao ministro das Finanças...

ESPIÃO

Mas eu esperava uma licença depois de apanhar este!

DELEGADO DO POVO

Desta vez, não há tempo para férias. Primeiro, fazes o que eu te mandar. A seguir esperas que a revolução triunfe oficialmente! Depois, há-de-se ver. Vamos embora!

ESPIÃO *(ao refém, antes de sair)*

Se te portas mal vais ver-me logo a meter-te uma bala nos cornos!

(saem o Delegado do Povo e o Espião)

CHEFE REVOLUCIONÁRIO (conciliatório)

Deixa lá, senador! Isto há-de arranjar-se.

REFEM

Isto, o quê? Então vocês têm andado para aí a fazer uma revolução às escondidas?

CHEFE REVOLUCIONÁRIO

Então como cuidava o senador que aconteciam as revoluções engendradas para triunfar? Claro está que esta revolução é uma revolução absolutamente secreta, estritamente confidencial! Ou pensava que nos íamos pôr para aí a badalar as nossas intenções? Se conseguirmos fazer as coisas inteligentemente, escusamos até de fazer com que e saiba que ouve revolução. Estas coisas, em geral, se correm bem, nunca se chegam a saber. Só se divulgam em caso de fracasso total o que, como bom político que me presumo e chefe responsável que me prezo ser, estou na disposição de evitar.

E mais! Até pode ser que não morra ninguém, à excepção de dois ou três ministros e alguns políticos como o senador, por exemplo, mas todos de acidente ou por doença crónica ou, mesmo - como seria o seu caso - profissional. Nós não andamos aqui a fazer isto para deixar o poder na mão de vagabundos e pederastas.

Bom. Mas vamos com calma, e bom senso, sem meter nisto lá as ideologias e os procedimentos, porque as ideologias seriam sempre boas, se fossem aplicáveis, e os procedimentos nunca são exemplares, com ou sem ideologias.

Meu caro Senador, fica entendido que isto aqui, entre nós, não é pouco nem é muito, a sério!

Eu sou um chefe. Não sou doutrinador. Sou um operacional tático. Não sou técnico, nem sou teórico.

Portanto, se decidir que esta conversa está ser apenas entre nós, podemos continuar. Caso a sua consciência lhe exija outras inclinações - o que se reconhece ser perfeitamente legítimo - como o senador não é estúpido nenhum, já me percebeu e não deve ter qualquer dúvida quanto ao desfecho deste simples encontro, ou desta importantíssima reunião.

REFEM

Quer-me o senhor dizer que, se não estou em erro, os vossos planos contemplam a hipótese de eliminar-me, como medida cautelar, não é verdade? Mas porquê?

CHEFE REVOLUCIONÁRIO

Antes de mais, porque você é um milionário, o que constitui muito mau exemplo para o povo. A seguir...

REFEM

Alto lá!... Que vem a ser isso de eu ser milionário? Também você insiste nessa? Mas quem foi que inventou isso se, afinal, tudo o que tinha de meu está hipotecado até muito abaixo dos alicerces? Se dependo apenas das subvenções e subsídios do Senado, como o senhor - presumo eu - depende dos seus?

CHEFE REVOLUCIONÁRIO

Essa agora? O nosso espião garantiu...

REFEM

Garantiu, o quê?

... Agora esclarece-se a questão!

CHEFE REVOLUCIONÁRIO (aproximando-se do telefone)

Mas qual questão? Explique-se!

REFEM

Nada. (como meditando)... uma bala nos cornos! (vivamente) Não!

Não digo, não posso dizer nada. Claro que sou milionário! Sim, senhor. Milionário como assegurou o vosso espião. Ele é um bom espião, sabe? Até fingiu ser meu secretário durante dez meses e ganhava 10 contos por mês...

CHEFE REVOLUCIONÁRIO

O quê? (aproximando-se do refém, segurando-lhe com firmeza os colarinhos) Então esse gajo recebia daqui 10 contos e não comunicou? Explique-se lá, senador!

Eu bem que admiti a possibilidade de gente acabar por vir a entender-se! Estou a ver que a extorsão, o vício e a patifaria mais baixos acabaram por minar o espírito da revolução. Então esse tipo era seu secretário, traiu-o mal e não comunicou?

REFEM (aturdido)

Sim, quero dizer... pois era! Claro que era!

(pôs se a olhar à volta, levando instintivamente as mãos à testa)

CHEFE REVOLUCIONÁRIO

Então, está aprovado! Vamos começar já os dois a reunir de urgência. A revolução começa a estar comprometida. Há traidores à causa entre nós.

Senador, preste atenção! Se estiver disposto a colaborar, respondendo às minhas perguntas, desato-o. Valeu?

REFEM

Mas onde é que está a dúvida, meu caro Chefe Revolucionário? Afinal, você parece-me ser um tipo honesto! Façamos jogo claro.

CHEFE REVOLUCIONÁRIO (*desamarra o senador*)

Desculpe se o magoei, mas este maldito nó... aquele gajo nem um nó sabia fazer. Que desperdício. Três anos de treino e quatro de instrução. Bem, agora já está. (*depois*)

Assim é muito mais curial. Eu acho que se pode conversar até nos urinóis, mas não me conformei nunca a reunir com gente atada a qualquer coisa!

Vejamos, senador. Eu, pessoalmente, nunca lhe desejei qualquer mal e entendo que procedi consigo muito correctamente. Desatei-o, por exemplo, o que neste caso, é até uma prova evidente de confiança. Aposto que saberá merecê-la. Sei que não a desmerecerá! Mas não é, obviamente, por ser senador, mas porque já percebi que você suporta mal o medo, mas não resiste às convicções, nem à frontalidade.

Posso mesmo confidenciar-lhe que só nos distinguimos um do outro porque o senador só começou a enfrentá-lo hoje, enquanto eu fui obrigado a suportar bem o medo à força porque abateram o meu pai à minha frente era eu muito novo e desde então vivo com ele porque foi a única herança que recebi. Posso contar consigo? Ou não?

REFEM

Pode, enquanto você for o que parece. Palavra de senador!

Foi esta a herança do meu pai que morreu também quando eu era pequeno, abatido por um revolucionário que até podia ser o seu pai. Mas acho que eles nunca conversaram e, portanto, não chegaram a ter nenhuma reunião.

CHEFE REVOLUCIONÁRIO

Uma vez que o senador garante não ser milionário (e, aqui a sua palavra oferece maior garantia ou, pelo menos, igual à do nosso espião), seria ilógico mantê-lo preso. Tentemos um acordo. O senador promete-me ocupar o cargo que, depois de amanhã está vago e, portanto, que aceitará a pasta das Finanças, procedendo com toda a lisura e isenção político-administrativa... Bem entendido, após o restauro - mas só isso - da sua economia privada. Certo?

REFEM

Digamos... se tal facto se confirmar, refiro-me à minha possibilidade de acesso, claro... estou de acordo.

CHEFE REVOLUCIONÁRIO

Há um item, porém, que não posso nem devo deixar em aberto. As dotações do orçamento deverão restringir as verbas da Segurança, compreende?

REFEM

Claro! Aceito perfeitamente a salvaguarda dessa exigência...

CHEFE REVOLUCIONÁRIO

Exigência, nunca! Pedido. Ah! (tirou do bolso um manifesto) O programa revolucionário está aqui e gostaríamos que passasse uma vistinha de olhos. Agora, antes de partir, se me dá licença...

REFEM

Faz favor...esteja à sua vontade.

CHEFE REVOLUCIONÁRIO *(ao telefone)*

... Assim que o espião F. terminar a missão de amanhã que o metam no avião para o Bósforo, no lugar marcado para o senador... Se esqueceres a parte final do plano, no próximo, embarcas tu!

(para o senador, caminhando para a saída)

A partir de agora olhe mas é bem por nós ambos, porque não vai haver quem possa perdoar-nos, outra vez, se continuar a não ter havido, de facto, uma revolução que se perceba menos e aconteça mais.

espelho

...

- Viste o diabo? Ou isso foi só por teres passado um ou duas noites em claro? Ainda assim é muito possível que essa cara seja um sinal apenas de estares velho. Ah! Sim. Possivelmente velho, é o que tu estás. Velho, bem entendido, demais para ficares aí, sossegadinho, como se estivesses, concisamente, a guardar a cara com que andas. Não comeces a frangir o nariz; ficas com rugas pouco recomendáveis na testa e os pés de galinha começam a ser severamente criticados nos homens, que, hoje em dia, se atrevem ainda a sair à rua e enfrentar as mulheres com algum interesse.
- Cala-te. Reflecte, se não podes impedir-to, mas cala-te!
- Ena! Querem ver que ele perdeu o optimismo? Então não há hoje um sorrisinho, mesmo hostil, desses com que brincavas aos síndicos? Rapaz, isso vai mal. Escuta! Que te fizeram?
- Nada.
- Que te disseram!
- Nada.
- Então!
- Nada. Pois que querias tu que me tivessem feito? Que querias tu que te dissesse que me tinham dito?
- Estás zangado com alguém?
- Não. Resolvi que não devia zangar-me nunca. Com mais ninguém. Compreendes? Com mais ninguém. Isso fazia mal aos nervos. E, sobretudo, não me fatigues com perguntas dessas, cansativas e burradas a cinismo. Ouviste?
- Ah! Sim. Ouvi. Tu afinal já não gostas das pessoas. Desististes do amor às pessoas. Porquê? Afinal, se insistis-te tanto durante tanto tempo, podias ir-te acostumando. Mas não devias esperar que os bons sentimentos resolvessem outros problemas... As pessoas querem lá saber dos bons sentimentos! Ou dos maus, ou dos assim-assim! É isso, claro! Tu não gostas das pessoas.
- Mentas!
- Bem. Então são as pessoas que não gostam de ti, como tu és. Ou... diz-me cá! Estás apaixonado?
- Uhm? Apaixonado?

- Pois. É isso. Tu estás apaixonado. É proibido, sabes? Estar apaixonado. Já fizeste anos demasiadas vezes. Porque raio havias de cair nisso? Então as tuas experiências com gente? Acabaste sempre fazendo o que intentava o teu capricho e agora...
- Cala-te. Se fosse isso, devias calar-te.
- Então, calo-me.
(Foi o espelho o último a falar)

* * *

- Então, não dormes? Estás com pesadelos, pequeno inquieto?
- Sim. E daí?
- Não tens a consciência tranquila, claro!
- Qual consciência! Não é isso, é...
- Pois. Não é isso. Há pessoas que não te amam. Mas ouve sempre! Vá tranquiliza-te. Até pode viver-se com pessoas que nunca nos amaram. Como eu, contigo. Repara bem. Será que tu gostas da minha cara, e do meu sorriso, e das minhas perguntas constantes e dos meus olhos de ver? Não. Há momentos, até, em que os odeias.
- Mentas. Eu nunca odiei ninguém.
- Então és melhor do que eu. Isso perder-te-á. Já disse.
- Vá, continua o que estavas a conjecturar...
- Não.
- Peço-te.
- Não.
- Suplico.
- Não.
- Pelo amor de deus.
- Qual deus? O vingativo e cruel? O que se esconde propositadamente e permitiu que inventassem sobre ele as leis da morte?
- Ah. É isso. Reencontre-te dentro de mim o mal.
- Vês? Tu não gostas de mim, na verdade. Odeias-me.
- Odeio-te? Quem? Eu? Eu não odeio ninguém. Disse-to.
- Concerteza! Estás apaixonado. Diz que as pessoas apaixonadas até não vêem o mal. Diz que as pessoas apaixonadas vivem a vida noutros mundos. Ficam dotadas do poder de fazer mundos. Os mundos que quiserem. E tu?

- Eu? Quem? Eu? Não. A mim não me deixam fazer mundo nenhum, que não seja esse que és tu. A mim nunca foi permitido ter para mim um mundo meu. Chega a tornar-se aconselhável limitar-me à invenção de mundos especiais para os outros serem felizes, porque me escreveram no coração, as fadas mas, que a ninguém devia apeteecer tocar-lhe durante muito tempo.
- E tu acreditas em fadas?
- Quais fadas?
- As fadas mas!... claro.
- Não sei. Isto foi uma coisa que me disseram uma vez.
- Foi durante o dia?
- Não era de noite.
- Bem, então, é melhor ires dormir e esperar que seja meio-dia de amanhã, a ver se há sol e se alguém te diz o contrário.
- E se não disser?
- Bem. Se não disser, é melhor ficares à espera do dia seguinte. (Resignadamente)
- E se não disser no dia seguinte?
- Esperas o seguinte.
- Mas... e se também...
- Ora deixa-te disso. Um dia há-de ser.
- E se já tivesse sido?
- Mas, afinal está a brincar comigo?
- Não. E tu?
- Eu? Eu estou? Sim. Estou a brincar contigo, apenas. Estamos os dois, tu e eu, a brincar contigo. Ou achas que pode ser de outra maneira?

de "os príncipes"

Quis o acaso que Boofahl se encontrasse nessa corte por roda do dia da sua chegada, coberto de poeira e cheio de mal encoberta ferrugem na armadura que dias antes rebrilhava ao sol desértico, o que, naturalmente, iria precipitar os acontecimentos subsequentes à dramática revelação e a haver Batalha Campal.

Queriam os guardas vedar-lhe entrada antes de verem as armas do seu brasão e a coroa que, desleixado como sempre mantivera em descanso numa presilha dos arreios desde légua e meia para trás da fronteira do seu reino, mas ao constatarem a quem correspondia aquela tão obliterada figura acabaram por posternar-se a distância e trataram de destravar as correntes da ponte levadiça.

.....

Entra Yousseph, em estado de grande inquietação, ao verificar que presos a uma argola, pasta algum caviar os lacados cavalos de seu irmão do norte (e ia entrando sem desmontar, no nobre salão do trono, quando seu irmão Karos, que vinha a compor um diamante da coroa que ultimamente começava a dançar no engaste, lhe diz:)

Karos - Yousseph! Respeitai os princípios do principado, Siva te valha! Então em essa destemperada figura vos íeis apresentar ante vossos irmãos?

Yousseph - Irmão meu, - ia a justificar-se Yousseph - o motivo que me traz me obrigou a que, de uma assentada, demandasse a tua capital, embora ignorasse que havíeis a visita soberana de nosso augustiessimmo mano...

Karos - Príncipe! - proclamou pausada e vibrantemente, o grande Karos - nada, percebes? nada por nada deve conduzir a semelhante conspiração. Tendes tempo de falar-me e eu de ouvir-vos. Se o assunto de sobremodo for urgente, descansai que ordenarei ao meu ministro do tempo que decrete imediatamente o atraso de um dia ao calendário oficial... mas ide-vos e lavai-vos. Ordenai que um ou dois escravos vos pulam as ferragens convenientemente e, entretanto, tomai um manto a qualquer nobre que vos pareça vestido demais e vinde a visitar-me.

Yousseph - Irmão e se... - Ia atalhar.

Karos - Ah! Esquecia-me. Foi o manto e não a esposa que vos disse que tomásseis. - entretanto rapou de uma bolsa de veludo e entregou-lha requintadamente enquanto dentro alguns metais tilintavam e acrescentou, já quando se afastava - Isso é para as gorjetas e para a lubrificação do cavalo... Manda que procedam a uma lavagem de estrada... mas na cavalaria do Conde Papândimo que ultimamente teima em não me prestar a devida vassalagem e deixou de pagar a cômgrua ao arcebispo que mandei nomear recentemente. É o castigo... - foi o que disse ao desaparecer no limiar do salão.

(Yousseph tratou de dar cumprimento quase exaustivo ao plano, esvaziou a bolsa que cuidadosamente curou de dobrar e introduzir no bolso do gibão mais vistoso que topara sobre o torso de um visconde ou barão qualquer.)

termópilas

- Mas se ninguém perdeu a batalha... ainda! Quem te pode garantir que são eles? Ou que seremos nós os vencedores?
- A intuição. Esta intuição que me tornou "galb" e conselheiro do rei. Que me indicou as portas da fortuna e me deu tempo de pedir emprestadas as chaves enferrujadas que ninguém julgava estético, salutar ou bem, utilizar. Que me orientou a subir escadas e a não descer nunca uma colina que fosse. Por isso estou aqui.
- E o rei?
- Quem?
- O rei!
- Qual rei?
- O rei de que tu és o conselheiro, o amigo, o braço fiel!
- Ah. Esse! Ficou para trás, ainda que frente de todos... os outros. É em nome dele que lutamos, não é?
- É. Sim. É isso.
- Então por que me perguntas por ele? A quem importa isso agora, se, ainda por cima ficou para trás.
- Com que então abandonaste-o? Traíste-o, deixaste que ficasse!
- Reflecte antes de precipitar-te em considerações fantásticas: Antigamente, eram os reis, condutores dos povos, quem vos conduzia às batalhas, à glória, ou à derrota. Não era?
- Sim. Eram os reis.
- Com o tempo, verificou-se que a presença deles era inútil e prejudicava o andamento e até parte da beleza propriamente dita das batalhas. Os reis deixaram de compreender o sentido autêntico das batalhas. Ser conselheiro do rei é um emprego muito mais difícil do que o teu, general! Pois quem me enviou contigo foi ele ,bem sabes. Não por vontade minha. Não tenho vontade minha. A minha vontade é a vontade do rei. Percebes?
- Não. Para mim, a vontade não tem nada a ver com isso. Cumpres uma ordem, afinal. Uma ordem, só. Uma ordem que não é menos ordem que aquela que eu próprio cumpro. Não obstante, a minha vontade permanece e com ela poderei valorizar a ordem.
- É. Tu não podes. Os generais não podem perceber conselheiros do rei. Tratam tudo em termos de ordens, de traição, de abandono! Ora

essas palavras não me tocam nada, não respondem a pergunta alguma. São palavras incompletas. Têm sentido demasiado subjectivo. Não servem para comunicar, excepto entre generais. Foi por isso que já em criança era incapaz de fazer-me compreender dos pagens da rainha, como tu, que nas horas vagas, montando corcéis de pau, camuflados em elmos de papelão, brandiam espadas de lata gritando obscenidades secretamente importantes. O meu melhor amigo era o bobo. Do rei.

- "Galb", tu serias punido por tais palavras, se elas de facto não pudessem ter o sentido inacessível que lhes atribuis. Repudias o colégio de grandes que te fez o que és, a tua família...
- Não. Não repudio nada. Mas quem me fez "galb" foi a intuição, este instinto mágico que ninguém nos que se dizem minha família frutificou.
... E depois, sabe-lo tão bem como eu, é duvidoso que eu pertença à minha família... Alguém vivo ou morto conheceu o meu Pai? E a minha Mãe? Quem chegou a vê-la? Lembra-te que o meu parente mais próximo foi um bisavô chamado Pilkten, que segundo as crónicas é ofensivamente o mais trágico símbolo de castidade nas mais próximas gerações "kin".
- Todavia és um "galb" e todos te consideram um genuíno "kin". Cursas-te humanidades, arte e canto. Tens saber vinculado ciência do colégio e por tudo isso ascendeste e o rei te fez conselheiro. Ou para ti é desprezível o sangue "kin", a imunidade de "galb" e o seres conselheiro do rei?
- General, é isso. Tu não consegues compreender-me. É que, enquanto eu aprendia as letras e decorava as fórmulas da escrita, tu limitavas-te aos treinos físicos, às marchas e lutas, esforçando o teu cérebro à fixação mais da imagem e do peso que dos nomes, das armas bélicas que os marciais iam inventando todos os anos. És capaz de desprezar-me só porque o teu semianalfabetismo é inimigo da minha erudição, o teu corpo inimigo inconsciente do meu espirito.
- ... E se fôssemos a coisas práticas, "galb"? Afinal, quem prevês tu que ganha a batalha?
- Já te disse... Ganharás a batalha e o rei te dará o meu lugar, ao regressares, porque hei-de fugir antes que me mates e não estarei lá, na corte, para aconselhá-lo. Como me não matarás, nada te pesará na consciência, General. Não atentaste contra a imunidade dum "galb".

Terá sido ex-"galb" o "kin" que fugiu... ou desapareceu. Porque eu não estou à tua guarda e também já me não importa ser conselheiro, porque deixei gradualmente de gostar do rei.

- T r a i d o r ! (gritou de olhos cerrados, trincando os dentes, o general; mas ao abri-los, encontrando-se já com a espada desembainhada, o conselheiro tinha desaparecido).

«são livros, senhora» | o milagre dos alforges

«Os homens dizem, há milénios – uns e os outros, sempre – a mesma coisa, embora usando diferentes palavras, termos (noções e conceitos vocabulares) adequados ao léxico da sua época e dos seus lugares. Sejam poetas. Sejam ladrões. Por isso alguns são modernos, outros arcaicos, outros só ocasionalmente entendíveis, num futuro hipotético»

(apócrifo de Jean-Jacques Grisard)

- Que levais nesses alforges, Senhor ?
- São livros, Senhora, que nada valem, como calculareis, cheios de versos escritos, feitos com a íntima sabedoria e o amor inútil das palavras.
- Não levais, portanto, ouro convosco ?
- Cuido que não, Senhora, pois ninguém mos quererá comprar pelo preço do custo que têm, para mim!
- São vossos então todos esses livros, tão pesados que dobram o dorso do animal ?
- Meus têm sido e até hoje o foram, posto que fui eu que os escrevi, verso a verso, dia e noite.
- Não tendes, assim sendo, outro mester, não levais outros bens, convosco, nesses alforges ...mas dar-se-á acaso possuiredes outros bens, um modo de sustento, uma renda, ou um abrigo, uma família, um protector ?
- Nada mais possuo, Senhora, senão tudo o que vedes, enriquecido com a avaliação imaginária da vossa legítima fantasia. Crede-me: é esta toda a minha fortuna !
- Consta que um homem, dono como vós, de um cavalo com alforges iguais a esses, transportava ouro consigo e jóias valiosas pertencentes a uma Princesa...
- ...Pois se essa Princesa sois vós, tomai de mim o alforge, com tudo quanto tem, pois que, se como tal o reclamais, pertence-vos, é vosso, Senhora!

- Mas como posso sabê-lo, sem ver o seu interior ?
- Ser-vos-á imensamente fácil, Senhora: como não terei o despudor de aqui mesmo vo-lo abrir e revelar-vos, à vista de todos, o seu apaixonado conteúdo, tomai-me por escravo e eu vos seguirei à vossa morada, atrás dos vossos passos e assim, tudo o que, bem ou mal julgais, que eu possua, ficará eternamente de vossa posse...
- E se...
- Se acaso eu for esse ladrão e não o poeta que pretendo, castigar-me-eis de morte, com o direito, Senhora, que vos assiste perante o Criador, de saberdes ser minha dona, a partir deste momento.
- E se...
- Se a minha honradez não for, como penso, maior que o meu talento, podereis vender-me para as minas, ou as galés, porque, já não sendo suficientemente novo para dedicar-vos plenamente o serviço pleno de vosso escravo, não serei todavia ainda suficientemente velho para ter perdido a robustez necessária ao esforço requerido por mais duros trabalhos, se acaso desejardes prescindir da submissão da minha entrega, porque a minha consciência está em paz e a minha vida nada significará, perante a continuidade vossa suspeição.
- Não estou exigindo isso de vós, senhor. Eu queria tão só recuperar o ouro, reaver as minhas jóias!
- Se pensais encontrá-las nestes alforges que já vossos são, como eu, naturalmente, assim creio e vos juro, à fé do poeta que julgo ser, não duvidareis de sermos eu, ele e este cavalo, vossa plena propriedade.
- Desculpai, se a pretensão da minha pergunta vos ofendeu, Senhor !, mas não foi isso que intentei, crede-me.
- Se vos creio, Senhora ! ...só que eu não era já senhor de mim quando enchi com o que é vosso, estes alforges. E em tal coisa, indesmentivelmente, tendes razão.
- Embaraçais-me, Senhor, com o estranhíssimo modo categórico dessa vossa confissão. Não pensais que urdi o rumor do furto com a intenção de submeter-vos a uma caprichosa tirania de mulher ?
- Congratulo-me, em face da modéstia das vossas palavras, com a subtil inocência da pergunta com que interpelastes a minha evasão matinal, ao transpor, em triste fuga, as muralhas da vossa Cidade. Porque essa inocência sempre viajou comigo nestes alforges, posso garantir-vo-lo agora. E ser escravo dela orgulha-me e, seguir-vos, é uma grata obrigação porque, pela primeira e única vez em toda a

vida, mesmo não o sendo, a minha poesia valerá, enfim, o vosso ouro e as vossas jóias.

- Inquietais-me, Senhor. Deixais-me perante um dilema de difícil entendimento. A minha curiosidade suplanta o desejo de recuperar os meus bens que por mera coincidência poderão estar ocultos sob o couro dos vossos alforges...
- Então como ireis decidir se, como aparentais, é tão grande a vossa indecisão ? Tomais-me por escravo, ou jogais fora como causa demasiado arriscada, aquilo que a minha palavra de poeta vos assegura ser vosso?
- Pois vinde. Segui os meus passos e entrai comigo na minha morada. Trazei convosco os alforges e a vossa montada.
- Podeis crer-me, Senhora, que vos seguirei como escravo, até o fim da vida, quer me guardéis, quer vos desfaçais de mim, recuperando, com a minha venda o valor do vosso ouro e vossas jóias.
- Vinde sem demora, meu Senhor, mas que nunca digais a outrem que são livros aquilo que levais nesses alforges e ninguém possa descobrir que a sua leitura vai ser a única obrigação da vossa escravidão, por toda a vida, que vos aguarda desde sempre, na minha alcova solitária...

Notas e Observações

-
- ⁱ texto actualizado em 1983 e oferecido em Agosto desse ano ao psicanalista **Eduardo Cortesão**: *ocultava-se a muitas crianças da minha geração (antes da inseminação artificial, dos bebês-proveta, da engenharia genética e da clonagem) o facto meramente accidental de terem sido paridas pela própria mãe...*
- ⁱⁱ manuscrito de 1967 (chez-**Chevalier**), em s. Martin d'Auxigny, Cher França
- ⁱⁱⁱ manuscrito de 1964 – 51bis bvd. de Montparnasse, Paris
- ^{iv} texto dedicado *in memoriam* do mestre escultor **Manuel Borges** e do cirurgião prof. **Cândido da Silva**, manuscrito de 1969 – Hospital da CUF, Lisboa (a acção decorre a 6 de Fevereiro)
- ^v extracto original(sic) de um pensamento expresso de **Jean Cocteau**, *utilizado pelo autor numa homenagem póstuma in revista «ARTE», SNBA, Lisboa nº11-Nov.1963*
- ^{vi} ex-Memórias (1972/73) *da clausura e do teatro colectivo (réus:éramos mais de 40!) da Boa-Hora e obrigado ao inesquecível amigo Fernando Luso Soares (de quem fora 1º co-editor) que me defendeu mas escusava de ter perdido (sem querer) o original único da minha peça «Wac-7, Operação Terra»*
- ^{vii} texto escrito em 1969, oferecido ao Engº. **Francisco de Almeida Garrett**, *no monte do 1º visconde, o escritor (hoje demolido)*, em Massamá
- ^{viii} texto recuperado de uma versão manuscrita de 1971
- ^{ix} texto de finais dos 50, oferecido ao poeta **Vinicius de Moraes**
- ^x texto datado de 1964
- ^{xi} texto de 1998 - ao poeta *inédito* **Artur Ribeiro Gomes** e à *memória do cineasta* **João Roque**
- ^{xii} texto espontâneo (1967- sic- não revisto nem actualizado) à memória do **Oskar Pinto Lobo**, esteta, designer gráfico, pintor, arquitecto-livre (*e meu falecido compadre*)
- ^{xiii} texto evocativo de 1977 (*da memória de 1966, de uma bela e singular mulher cuja memória nunca será cadáver antes de mim*)
- ^{xiv} texto de 1980, dedicado a um amor platónico evaporado num nevão, em Düsseldorf
- ^{xv} texto recentíssimo, dedicado (*em nome da inesquecível delícia do episódio da nossa juventude perdida desses anos 50*) ao **Valentim Loureiro** que desde então raramente vi fora dos écrans de TV ...e que (obviamente, sem ligar à aparência actual do puto que nunca mais pensou em ser árbitro, na vida) me apertou a mão na tarde da inauguração oficial da Expo'98, por cortesia protocolar
- ^{xvi} excerto de fragmento *manuscrito-fotocópia* d'«O Oitavo Continente» (1962/64?) *em memória dos serões literários da av. de Paris (ao pé da casa do Lima de Freitas)*, dedicado à minha primeira mulher **Maria Celeste Costa** e às *nossas amigas de então, minhas para sempre*, a **Teresa Soares** e a **Céu Guerra**
- ^{xvii} *dedico ao* **Herberto Helder**, *poeta digno e sem remorsos também*, ao **Renato Ribeiro** e à *saudosa memória do* **Manuel de Castro** *este prosoemal/monólogo, oferecido à minha filha Ana Bárbara, para saber que não nasceu por acaso.*
- ^{xviii} *proclamação a Isabel, meu Amor, a quem fico a dever o estímulo de ter voltado a escrever, nem que passe fome*
- ^{xix} extracto ovárico de um livro *alucinante, em estágio até Setembro deste ano da passagem...* dedicado à cúmplice fraternidade do meu amigo **João Soares Louro**
- ^{xx} ao **Barlach Heuer** *que não faço ideia de onde esteja e me ilustrou este ingénuo diálogo bucólico*, ao **Romeu de Melo** e ao **Clifford Simak**, *que sei para onde foram...*

O AUTOR:

José-Luis Ferreira nasceu em Viseu, 1938. Sociólogo, escritor, investigador de arte, gestor e consultor de empresas. Estudou em Paris¹, (e estagiou² em) Bourges³, Orléans⁴, Bruxelas⁵ e Anvers/Antuérpia⁶. Foi professor-convitado (investigador e docente), em cursos de pós-graduação universitária⁷. Dedicou-se, desde a década de 70, a projectos de *marketing-creative* e promocional, de planeamento e gestão empresarial, estudos de *corporate image*, publicidade institucional e *advertising* promocional, em serviços e novos produtos (bens duradouros e de grande consumo)⁸. Tem exercido cargos de administrador, gestor e consultor técnico⁹ em empresas de estudos socioeconómicos e em sectores empresariais (ramos imobiliário, turístico e transportes), tendo participado em vários conselhos de administração¹⁰ de sociedades anónimas, como responsável por pelouros de áreas de gestão technicoeconómica e financeira, relações públicas e negociais. Tem vindo a participar (como coordenador, técnico superior¹¹ e consultor) em equipas pluridisciplinares, para estudos de projecto em áreas diversificadas: *turismo de espécie e cultural, infraestruturas de urbanoturismo*, tecnologia industrial, científicas culturais. Tem desenvolvido várias iniciativas e eventos culturais e estudos de investigação (como crítico, promotor, escritor e divulgador de arte¹²), intervindo em peritagens e como membro de júris em concursos, no país e estrangeiro. Exerceu funções de adjunto e assessor em gabinetes ministeriais, participou em comissões do Governo (após 1975¹³) e foi diplomata¹⁴, nos Países-Baixos. Autor de artigos, ensaios, palestras, conferências, monografias e prefácios em catálogos de centenas de exposições de artistas plásticos contemporâneos, participou e interveio em congressos, simpósios e diversos júris de Colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Vasta bibliografia (poesia e ficção) editada¹⁵ e inédita. Colaboração esparsa (na imprensa¹⁶ regional e diária, revistas especializadas, rádio e TV¹⁷).

Membro, entre outras, das Instituições: *Sociedade Portuguesa de Ciências Sociais e Humanas, Sociedade de Língua Portuguesa, ANAP-Associação Nacional dos Artistas Plásticos*¹⁸, dos Comitês de Portugal para a AIAP- Association Internationale des Arts Plastiques (UNESCO) e *Luso-Galaico para o Desenvolvimento Cultural* e do *Círculo Cultural e Artístico Artur Bual, Ass. Les Amis de Marcel Gili, etc.*

e-mail: alcoba@netc.pt

¹ *Sciences Sociales* (UCP Hum.) | 1961-65

² bolseiro do Estado, da Fund. Calouste Gulbenkian, da JTCS, da S. C. C. e outras instituições mecenáticas

³ tese (Dr^{at}) *Intégration des Arts dans l'Architecture des Sociétés Occidentales Contemporaines* (patrono Prof. H.Malvaux) ENSBAAI | 1966

⁴ Assistente do prof. Marcel Gili (Sc.Sociales appliquées. *Sociologie de la sculpture Pth*) | 1964-67

⁵ Institut du travail (ULB Mast^{er}.) 1971

⁶ Gestion et Planification du *Développement Economique* (lic./M^{ter}P^hc) | 1970

⁷ ant.º Instituto de Orientação Profissional / U.L. (cad.^{ras} de Sociologia I e II e Estruturas Socio-Económicas) e de pós-graduação (Sociologia da Comunicação) in *Cursos de Formação on job*, da RTP - IEFPP | 1976-77 e 1993

⁸ Investigação e pesquisa de mercado, estudos, criação e planeamento estratégico em campanhas publicitárias para os *massmedia* (*copywriter sénior e Director Criativo*), em agências de publicidade nacionais e estrangeiras: SPSP - Serviço de Publicidade Suiço-Português, Ltd./ Publicis, sa/ Mc Cann Erikson, sa/ Promo-NCK, sa | 1970-76

⁹ Agrinco, sarl / Transitum, Ltd / Probeta, sarl / OPL- urbanisme, architecture, architecture d'intérieurs et décoration / Pref.67/ Calorel,sarl / Silux,Ld./Gab.Est.Engº.AlmeidaGarrett/DeltaFoods,Ltd/Interfina,SA/GrupoCentreI-EID,SA/Hidroterra,Ld/ATISO/Socovias,sarl/Tecnobrita,Ltd/ Pereira Costa Ld./Grº.Terrazul-Sulpedras / EECOG, Ld. / Arca-Filme / Zoom'out / Vilamoura-LeClub/Compta-RH / Civiconsult,Ltd / Tabaqueira,sa / Operação Capital / etc.|1997-2000

¹⁰ Aga, Editora,Ld./ Turisbel,sarl (Óbidos)/ Urbanitel,sarl / Soc.Com. Guérin,sa / InterRent (gmbh) /Grutas Sra. do Cabo, sa (Sesimbra)| 1979-95

¹¹ quadro superior da Expo'98: Análise-Coordenação|Planeamento Estratégico/D-G.Operações (1997-99), Consultor actual Mkt & Gestão | 2002

¹² autor de estudos monográficos, de vários artigos publ. em livro e na imprensa diária e revistas culturais e de especialidade, de prefácios em catálogos, palestras e conferências, comunicações em simpósios e congressos, em Portugal e no estrangeiro | 1961-2002

¹³ Ministério da Agricultura e Pescas (Assessor e Adj. do Minº), Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria e Subsecretaria de Estado da Comunicação Social: *Comissão de institucionalização INOP- INEO(Vice-Pres.)* | Gab. Estudos de Opinião (*Dir.Serv.*) | 1976-78

¹⁴ Ministério dos Negócios Estrangeiros (*Adido de Imprensa/Cons.Cultural Embaixada de Portugal em Den Haag-Paises Baixos*) | 1979-80

¹⁵ Livros inéditos (11) editados (6 títulos|11 vols. Editores: IPM-MA, Aveiro, Polígono, Porto Universitária Editora) *aut.div.* prefácios e posfácios

¹⁶ desde 1953 (Director da revista ARTE da Sociedade Nacional de Belas Artes 1962/64) últimas publicações in «Espaços», «Casa & Jardim» e Jornal «Artes&Artes» | 2002

¹⁷ RTP (Prod.Ass.1970-71), WDR «Ihre Heimat, Unser Heimat – Soziale Politik & Kulture!» 30 progrs.(*Report Research Cultural Advisor*) | 1982-86

¹⁸ Presidente do Conselho de Parecer Profissional (mandatos suc.^{vos.}, desde 1995, até 2003 Dezembro) | 2002

Visite nosso sítio WEB:



Cultura pura. Sem comércio, sem propaganda, aqui só importa a qualidade da obra

e-Books gratuitos,

Literatura,

Artes Plásticas,

Folclore,

Arte Regional,

Temas em Debate

Conheça nossa seção especial:

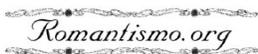


o portal do Romantismo Brasileiro e Mundial,

onde você encontra gratuitamente e sem propaganda:

publicações, e-books, downloads, consultas on-line, resumos, biografias, bibliografias, artigos.

romantismo.org



Diretor Geral

[André Carlos Salzano Masini](#)

casadacultura.org

